



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

**MONTEIRO LOBATO NA OBRA “*A BARCA DE GLEYRE*” E O
DISCURSO RACISTA EM “*CAÇADAS DE PEDRINHO*”**

EDVANE DE ARAÚJO ANDRADE SILVA

CAMPINA GRANDE – PB

Junho/2011

EDVANE DE ARAÚJO ANDRADE SILVA

**MONTEIRO LOBATO NA OBRA “*A BARCA DE GLEYRE*” E O
DISCURSO RACISTA EM “*CAÇADAS DE PEDRINHO*”**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof^o Ms. José Pereira de Sousa Júnior

**CAMPINA GRANDE – PB
Junho/2011**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586m Silva, Edvane de Araújo Andrade.

Monteiro Lobato na obra "A Barca de Gleyre" e o Discurso Racista em "Caçadas de Pedrinho" [manuscrito]: / Edvane de Araújo Andrade Silva. – 2011.

56 f.

Digitado.

Monografia (Especialização em História e Cultura Afro-brasileira).
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Me. José Pereira de Sousa Júnior”,
Departamento de História e Geografia”.

1. Racismo 2. Monteiro Lobato 3. Literatura. I. Título.

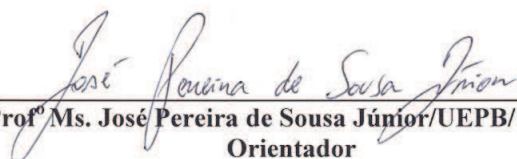
21. ed. CDD 320.56

EDVANE DE ARAÚJO ANDRADE SILVA

**MONTEIRO LOBATO NA OBRA “A BARCA DE GLEYRE” E O
DISCURSO RACISTA EM “CAÇADAS DE PEDRINHO”**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em

 (9,5)
Prof^o Ms. José Pereira de Sousa Júnior/UEPB/UFCG
Orientador

 (9,5)
Prof^o Dr. JOSÉ BENJAMIN MONTENEGRO/UFCG
Examinador Externo

 (9,5)
Prof^a Dr^a. PATRÍCIA CRISTINA/UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Juarez e aos meus filhos: Rômulo, Raissa e Ramon.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu força e coragem para enfrentar todos os embates na elaboração deste trabalho.

Aos meus pais que sempre me incentivaram na busca pelo conhecimento.

Ao orientador José Pereira de Sousa Júnior que com toda calma, sabedoria e paciência, me ajudou na explanação das minhas idéias e questionamentos.

A todos os professores do curso que compartilharam os seus conhecimentos e com toda a paciência transmitiram suas explicações enriquecedoras.

A todos que me incentivaram e me encorajaram na realização desse trabalho.

Aos colegas de curso, Daniella, Tatiana, Ana Nery, Maria José, Eliane, Inês, Arleide, Socorro, Mainara, Allana, Macedo e também aos que por acaso não foram citados.

As amigas que nasceram dessa trajetória e que acompanharam minhas angústias, lutas e, solidárias participavam com toda alegria dividindo comigo as risadas, as confidências e brincadeiras, enfim, permitiram me sentir em um retorno aos anos de minha juventude.

RESUMO

Monteiro Lobato na obra “*A Barca de Gleyre*” e o discurso racista em “*Caçadas de Pedrinho*”

O nosso trabalho tem como objetivo refletir sobre o discurso do escritor Monteiro Lobato em duas de suas obras “*A Barca de Gleyre*” e “*Caçadas de Pedrinho*”. A primeira foi utilizada com o objetivo de compreender o pensamento do autor contido nas entrelinhas da segunda, esta, por sua vez, foi escolhida por ter sido apontada e questionada pela crítica como uma obra composta por um discurso racista. Nesse caso, para se pensar a representação do negro na literatura, nada mais justo do que utilizá-la visando propor sobre a mesma uma nova reflexão. Das cartas trocadas entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, publicadas no livro “*A Barca de Gleyre*”, selecionamos e utilizamos algumas correspondências através das quais são percebidas, formas de pensar e os ideais que o autor possuía. No primeiro capítulo, intitulado de “*Monteiro Lobato: contexto político social e ideológico*” é apresentado o lugar social ocupado pelo autor como homem público e as influências recebidas na época de suas produções; no segundo capítulo “*A Barca de Gleyre e Caçadas de Pedrinho: o protagonismo de Tia Nastácia*” é feita uma reflexão sobre cada obra destacando as representações encontradas. Nosso trabalho tem como metodologia uma pesquisa bibliográfica, onde foram analisados alguns contos que fazem parte da obra infantil do autor. Dentro das reflexões teóricas, utilizamos os estudos de Michel de Certeau para trabalhar o local social do autor e mostrar como é forte a influência do contexto social na escrita deste. Para refletir sobre a importância do leitor e a representação do negro na escrita lobatiana, utilizamos as reflexões de Roger Chartier. Para compreender melhor a discussão sobre a construção da identidade, utilizamos Munanga e Roger Bastide, este último nos ajudou inclusive na reflexão sobre a interface da História com a Literatura. Embora o autor tendo feito parte do contexto social imposto pela sociedade da época, impregnada de doutrinas racistas, como o determinismo evolucionista e o darwinismo social defendeu algumas teorias raciais, imaginando que dessa forma solucionaria a falta de progresso brasileiro, portanto, não podemos julgar o comportamento de um autor apenas por suas produções.

Palavras-chave: racismo, Monteiro Lobato, literatura

ABSTRACT

Monteiro Lobato in the book “*A Barca de Gleyre*” and the racist discourse in “*Caçadas de Pedrinho*”

This monograph aims to analyze the ideas presented in Monteiro Lobato's books “*A Barca de Gleyre*” and “*Caçadas de Pedrinho*”. The first work was used in order to understand the author's thought encrypted in the second book, and this was chosen, despite other Monteiro Lobato's works, because of the frequent critics directed to it that indicates the presence of a racist discourse. Considering this work relevance, it was useful to analyze it and propose for it a new conception. From the book “*A Barca de Gleyre*” we selected and studied exchanged letters from Monteiro Lobato to Godofredo Rangel (and vice versa) where we could observe the thoughts and the beliefs that the author had. In the first chapter, entitled “*Monteiro Lobato: contexto político social e ideológico*”, the social place occupied by the author as a public man is presented, as well as the influence that he received at the time of his productions; in the second chapter “*A Barca de Gleyre e Caçadas de Pedrinho: o protagonismo de Tia Nastácia*”, an analyzes over the representations found in the books is made. Our work used as methodology a bibliographic research, where some Lobato's tales are studied. To make the theoretical reflections, the studies of Michel de Certeau were used to understand better the social place in which the author was inserted and to show the importance of the social context in his writing. To analyze the reader's importance and the black's representation in his writing, the reflections of Roger Chartier were used. To understand better how the identity construction is processed, we used Munanga and Roger Bastide, whom also was useful to comprehend the relations among History and Literature. We concluded from our research that however the author participated of an social context typical a time when the racist doctrines, like the social Darwinism, were largely spread, he also defended race theories, believing that this would resolve the lack of progress in Brazil. Therefore, we can not judge the behavior of an author only by the content of his works.

Key-words: racism, Monteiro Lobato, literature

SUMÁRIO

1. RESUMO	6
2. ABSTRACT	7
3. INTRODUÇÃO.....	9
4. CAPÍTULO 1	18
5. CAPÍTULO 2	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
8. SITES PESQUISADOS.....	56

INTRODUÇÃO

A nova forma de fazer história tem como produto novos métodos para a pesquisa, onde diferentes objetos de estudos são, na perspectiva dos Annales, um viés para desenvolver novas discussões que esclarecerão detalhes de épocas passadas, questões que foram despercebidas pela própria história.

A partir da Nova História Cultural a pesquisa historiográfica tem se utilizado de novas fontes, resultantes de comportamentos humanos que se tornaram novos objetos de estudo. Isso demonstra que qualquer ação/comportamento humano pode ser utilizado como importante fonte para uma pesquisa.

De acordo com palavras de Peter Burke, (2005, pg. 163), “*os historiadores culturais e também os historiadores sociais vêm ampliando o território da profissão, além de tornar o assunto mais acessível para um público mais amplo*”. Nesse caso, Burke destaca que a história absorveu com certa abrangência uma variedade de temas que, a partir do novo olhar do historiador cultural e social, foram percebidos como pontos de vista resultantes de mentes mais conscientes. Um exemplo disto é a utilização do pensamento de sujeitos que antes não tinham direito de fazer parte de uma narrativa historiográfica.

Nesse contexto, percebemos que a história adquiriu novos espaços, novas descobertas e, conseqüentemente, liberou a exploração de novos temas, onde não basta o historiador fazer simplesmente a narrativa do evento, mas, compreender que o tema que está sendo pesquisado, tem como base o estudo de fontes que fazem o papel da memória e que guardam vivos momentos marcantes de uma época.

Edgar Salvadori de Decca expõe que:

a característica mesma da História é a de ser um conhecimento em permanente construção e sujeito a contestações, ao passo que a memória depende da valorização monumental dos vestígios do passado para a sua permanência. (Decca, 2003, p. 75)

A História não possui apenas a característica do conhecimento, mas a mesma também deixa a percepção de que pode ser discutida, reformulada e questionada. Em cada investigação serão percebidos novos detalhes que ao fazerem uso da memória, também intitulada de patrimônio, registrarão acontecimentos onde se é mantida a chama viva da lembrança dos fatos acontecidos. Isso nos faz pensar a presença da diversidade de temas culturais que fazem parte da Nova História Cultural e que foi favorecida pelo encontro entre historiadores e antropólogos que possibilitaram a renovação da história de forma muito mais significativa. É dentro desse contexto que a história, em interface com a literatura, é apresentada através de uma das formas mais populares: a escrita – que faz do leitor um instrumento de sua prática.

A prática da escrita esteve, por longo tempo, ligada a gestos de repressão e interdição – as censuras –, que faziam com que os próprios autores perdessem a primeira afirmação da sua identidade, o reconhecimento de suas obras. Este contexto histórico fez com que o acesso às escritas passasse por determinadas perseguições, que deixaram tais textos circunscritos ao interior das instituições oficiais ou acadêmicas. As perseguições também encaminhavam o material censurado à destruição: “*A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual.*” (CHARTIER, 1999. Pg. 23). Com o extermínio das produções literárias, os autores sentiram-se na ameaça de terem negadas as suas idéias, já que a fogueira protegia o público leitor dos textos considerados transgressores.

Segundo Roger Chartier, “*a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados*”, isto é, o leitor, à medida que absorve a prática da leitura, se apropria da construção de significados, então, a partir da interpretação particular de um texto, esse leitor desenvolve o poder da crítica, para construir um novo discurso, muitas vezes distanciado daquele discurso cujo texto de origem se referia.

Nesse caso, observamos que existe um limite para a liberdade de interpretação do leitor, pois existem entraves das próprias práticas da leitura que segundo o tempo e o lugar vão modificando o objetivo da mesma. Esses entraves são os principais fatores que resultarão na produção de novos discursos.

De acordo com Roger Chartier (1999, p. 19), percebe-se que a leitura é vista como um consumo que leva ao ato de absorção de idéias pela interpretação; mas, mais do que isso, “o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção – uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção”. Michel de Certeau apresenta, então, a possibilidade de a interpretação não ser apenas positivamente referente às ideias e representações do autor, sendo possível a produção de um novo texto com novos questionamentos e novas visões originadas da produção do autor, mas que darão ao leitor a possibilidade de posicionar-se contra ou a favor da opinião original desse autor.

Em suas reflexões sobre a historiografia da leitura, Michel de Certeau (1982) e Roger Chartier (2006) fizeram referências à importância do leitor, aos novos métodos de práticas de leitura e, à maneira como a literatura seria recebida por esse leitor diante da presença dos críticos literários.

Perante a importância dos estudos de tais teóricos podemos observar que o leitor é fundamental para a valorização de determinada produção, pois é a partir da sua crítica e da prática do hábito da leitura que haverá um favorecimento a divulgação das obras literárias. Ao adentrar tal universo, percebemos que a história do livro enfrentou barreiras, como o comércio, a censura e o preconceito, por exemplo, as produções que falavam dos negros, que por muito tempo, foram vítimas de preconceitos mantendo-se esquecidas ou recusadas por terem sido consideradas insignificantes e, conseqüentemente, impedidas de serem divulgadas como uma literatura.

No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros, em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população. (DUARTE, 2010 pg. 1)¹.

¹ DUARTE, Eduardo de Assis, artigo: Literatura Afro-brasileira. Trabalho retirado do site http://www.acaocomunitaria.org.br/discussoes_tematicas/literatura_e_afro_descendencia.pdf. Em 17/05/2010.

É interessante destacar que a trajetória das produções literárias referentes aos assuntos étnico-raciais tem passado por insistente processo de reestruturação. Essa última não apenas tem o objetivo de mostrar a história da negritude, mas principalmente de apresentar o reconhecimento e a valorização dos sujeitos anônimos na história. Dessa forma, observamos que ao analisarmos uma produção literária, é importante percebermos como foi produzida, como está sendo transmitida ao público e como ocorre a apropriação do texto, pois cada leitor produz uma interpretação de acordo com a sua percepção ou interesse particular.

Segundo palavras de Renato Moscateli,

Por tudo isso, a aceitação do caráter intersubjetivo da leitura parece inegável. Como pesquisadores na área de História, temos constantemente de lembrar, sem lamentar, que somos sujeitos históricos de determinado tempo e que nossas fontes também foram produzidas por outros sujeitos suscetíveis à influência do contexto em que viveram, de modo que a leitura dos documentos deve ser, mais do que tudo, um produtivo diálogo com os homens de outras épocas e lugares. (MOSCATELI, 2003, pg. 58)

À medida que digerimos por completo um determinado texto, desenvolvemos muito mais fácil o poder da reflexão, pois o leitor passa a decifrar tudo o que está oculto nas entrelinhas do texto, compreendendo muito mais do que o próprio autor quis dizer. Dessa forma, aceitar o texto conforme a sua produção e subjetividade é compreender que a história depende da interpretação dessas fontes, da análise de sob quais influências foram produzidas e, bem como, da presença do diálogo do presente com o passado, que elucida as intenções do autor.

O ESTEREÓTIPO NA LITERATURA

No período Imperial brasileiro, percebemos que durante o sistema escravocrata, havia na sociedade a presença de intelectuais, como José Bonifácio, Joaquim Nabuco e outros, interessados em realizar a libertação dos negros escravizados através das leis do parlamento. Contudo, não havia o interesse dessa elite de discutir ou questionar sobre diferenças étnicas ou preconceituosas, pois tais questões pareciam estar sempre ligadas aos problemas sociais.

Diante desse caso, as produções literárias que abordavam tais questionamentos também não despertavam nenhum interesse, já que essas publicações só eram disponibilizadas a uma pequena parte dos intelectuais: àqueles que tinham acesso à leitura. Portanto, esses sim se apresentavam preocupados com a “questão escravocrata” no Brasil. Assim, ficava mais provável à existência de silenciamentos sobre determinados assuntos que, para alguns, eram considerados sem importância.

Nessa época em que se discutia muito pouco sobre etnia, Monteiro Lobato surge com uma literatura que utiliza um vocabulário provocativo e um estilo literário que, de certa forma, denunciava situações desagradáveis, reflexos da realidade no espelho das letras. Entre as várias intenções do autor, uma delas era abordar a existência da diversidade racial e cultural no Brasil.

Nos últimos anos, Lobato vem adquirindo uma maior atenção por parte dos pesquisadores, já que na categoria literária infanto juvenil a narrativa de suas produções se destaca por manter-se afastadas daquela tradicional, voltada para a fantasia de sonhos, de príncipes e princesas loiras de olhos azuis, aproximando seus contos a uma fantasia mais próxima do real.

A partir do uso de metáforas, o autor inova o formato da escrita literária para a criança, aproximando o conhecimento de situações que faziam parte do cotidiano da época, escrevendo a partir das próprias experiências adquiridas que são relatadas juntamente com a fantasia dos contos, inclusive dando destaque a presença da diversidade étnica, onde cita Tia Nastácia como descendente de família originada do continente africano.

Observando trabalhos de alguns autores, estudiosos das produções lobatianas, encontramos o olhar crítico e preconceituoso da maioria, que só confirma através da presença de estereótipos a denúncia de um racismo que permanece implícito no imaginário do leitor brasileiro.

Segundo Roger Bastide,

a literatura apresenta vários perigos para quem quer, por meio dela, atingir os estereótipos. A poesia lírica só nos mostra uma alma que canta as experiências individuais, enquanto a poesia satírica exagera, caricatura e, por conseguinte, ultrapassa o estereótipo banal. Mesmo limitando-nos aos romancistas seria necessário distinguir os estereótipos do autor dos estereótipos de seus personagens – os primeiros sendo característicos de uma só pessoa, talvez peculiares a ela, os segundos tendo mais probabilidade de refletir o pensamento coletivo. (BASTIDE, 1983, pag.114)

Conforme a citação, percebemos que as várias formas de se utilizar estereótipos muitas vezes terminam por confundir o leitor. Assim, uma obra pode ser apresentada utilizando a forma de gozação ou da ironia levando o personagem a uma situação de vítima do deboche, pois, muitas vezes a intenção desse autor é apenas de prender a atenção do público leitor para sua produção.

Isso implica dizer que, é difícil afirmar se o estereótipo utilizado é do próprio autor ou apenas do personagem, que através do próprio sentimento deste parece ficar refletido em todo corpo da obra. Entretanto, nem sempre as relações sociais as quais o autor está envolvido aparecem refletidas na obra, pois o autor de quaisquer criações literárias pode se aproveitar da própria produção para desenvolver um comportamento de protesto contra injustiças sociais. Nesse caso, passam a ser utilizados textos com termos irônicos, gozadores ou até mesmo denunciadores que terminam por provocar o público leitor para uma reflexão sobre as questionáveis tensões raciais.

Outro caso interessante é quando, em algumas literaturas, lidamos com silenciamentos. Percebemos que o autor ao evitar citar determinado comportamento passa a impressão de uma sociedade aparentemente organizada e conseqüentemente sem conflitos

étnicos. Segundo Roger Bastide (1983), e contrariando os estudos de Certeau, a literatura pode não ser obrigatoriamente influenciada pelo meio, mas pode ser um objeto de luta contra este. Alguns silenciamentos parecem fazer declaradas revelações. O autor evita citar estereótipos para não desvalorizar a qualidade de algum personagem.

Observando alguns trabalhos que utilizam as obras de Monteiro Lobato e que apresentam questões referentes a estereótipos, citaremos aqui o trabalho monográfico de Jaqueline Silva Miranda, *“A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM OBRAS INFANTIS DE MONTEIRO LOBATO”*²; uma pesquisa bibliográfica onde a autora faz uma discussão e reflexão sobre a ausência de personagens negros na literatura infantil. Ela aborda a presença de estereótipos que representam o negro nessa literatura, já que esta pode contribuir para identificar valores que irão auxiliar a construção da identidade do jovem leitor.

Para isso, a autora utilizou três obras infantis de Monteiro Lobato. São obras que fazem parte da coleção, *“O Sítio do Pica-pau Amarelo”*: *“Aritmética da Emília”*, *“História de Tia Nastácia”* e *“Reforma da Natureza”*.

Refletindo sobre um fragmento do trabalho citado, *“Que as obras de Monteiro Lobato continuem a ocupar lugar de honra nas estantes e bibliotecas infantis, mas com linguagens e adaptações que considerem os aspectos observados.”* (MIRANDA, 2009). Observamos que de acordo com a autora, Monteiro Lobato deve continuar em seu lugar de honra nas estantes e bibliotecas, pois o mesmo inovou a escrita infanto juvenil e se destacou como precursor dessa produção literária brasileira. Entretanto, quanto às adaptações sugeridas no texto, acredito que as obras de Monteiro Lobato perderiam sua originalidade, pois é importante refletir em que época essa literatura foi produzida e quais influências fizeram parte o contexto social. Afinal de contas muitas músicas e poemas também considerados pérolas, são obras de arte que não podem ser transformadas ou adaptadas. Patrimônios e memórias que devem ser conservados como retratos de uma época.

Outro trabalho interessante que também utiliza Monteiro Lobato é a dissertação de Luciana Scognamiglio de Oliveira, *“MONTEIRO LOBATO E A FORMAÇÃO DA*

² Trabalho apresentado à Faculdade Regional da Bahia – UNIRB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Pedagogia. Salvador, 2009.

LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: UM POSSÍVEL QUESTIONAMENTO SOBRE A IDÉIA DE PRECUSOR”³. A autora propõe uma reflexão sobre as mudanças do conceito de infância e como esta influenciou a produção infanto juvenil lobatiana.

O trabalho destaca também, a importância do contexto histórico, do avanço da medicina, do problema da falta de higienização e da falta de saneamento, questionamentos esses que serviram de referência para que Lobato desenvolvesse sua obra influenciada por protestos contra as injustiças sociais. Mas, é na citação: “*Não podemos de maneira alguma olhar para o passado com os olhos do presente.*” (OLIVEIRA, 2006), onde percebemos a importância de se compreender as ideias do autor, pois o contexto histórico dele pode determinar ou justificar o formato da sua escrita.

Então, é partindo dessa análise que aproveitamos para mostrar que o nosso trabalho propõe uma nova leitura tanto para a obra lobatiana quanto para a própria vida de homem público que Monteiro Lobato assumiu, pois, é através dessas reflexões que pretendemos mostrar que o preconceito muitas vezes está localizado no olhar do próprio leitor.

Diante da expectativa de uma nação em pleno progresso, o cidadão Lobato, que também se mostrou como um homem político, não poderia deixar de lado a sua verdadeira companhia, a literatura.

Foi em 1945 que o autor se envolveu completamente com a escrita para o público infantil, onde percebemos sua preocupação em provocar o leitor infanto juvenil com sua obra informativa e reflexiva que inclui em sua narrativa a diversidade cultural e étnica. Daí o destaque para a referência ao continente africano em suas obras.

Diante dessa situação, observamos que as produções literárias favoreceram e ainda favorecem a compreensão sobre determinadas sociedades, pois à medida que o escritor procura expressar toda a subjetividade da realidade de homens e mulheres em determinada época, nos permite compreender ideias, valores, costumes, crenças e estereótipos utilizados em épocas passadas.

Há um certo tempo as produções literárias vem abordando sobre negros e escravizados, o que pode se enquadrar também como auxiliar na construção de novas concepções. Esse comportamento literário possibilita mostrar que a partir da resistência e da

³ Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial na obtenção do título de Mestre em História da Ciência. São Paulo, 2006.

força desse povo há o favorecimento ao desenvolvimento da auto-estima que auxiliará, também, na construção da própria identidade de nosso povo brasileiro, em cujas veias ainda corre o sangue africano.

O nosso trabalho tem como metodologia uma pesquisa bibliográfica, onde serão analisados os contos que fazem parte do “primeiro volume” da obra infantil completa de Monteiro Lobato. Essa produção é composta por 16 volumes e é dividida em quatro séries, “A, B, C, e D”. Nesse caso, o volume escolhido é o primeiro da série “A” composto por duas obras, “*Caçada de Pedrinho*” e “*O Saci*”.

Inicialmente foi escolhida para análise apenas a obra, “*Caçadas de Pedrinho*”, pelo fato de a mesma ter sido muito questionada e apontada pela crítica por apresentar suposta utilização de um discurso racista elaborado pelo autor.

Nesse caso, para se pensar a representação do negro na literatura nada mais justo do que utilizá-la visando propor sobre a mesma uma nova reflexão.

Para complementar a análise, utilizaremos também algumas correspondências escritas pelo autor Monteiro Lobato para seu amigo e literário Godofredo Rangel, através das quais serão percebidas, formas de pensar, de sonhar e, ideias que o autor possuía. São missivas onde o autor, ao se expressar de forma sentimental, deixava perceber uma certa veracidade depositada na sua escrita, daí o motivo de utilizá-las diante da intenção de compreender melhor o pensamento do “homem Lobato”. Essas cartas foram publicadas em formato de livro com o título “*A Barca de Gleyre*”, pelo próprio autor. Ao todo, fazem parte da obra quarenta cartas.

Dentro das reflexões teóricas, utilizaremos os estudos de Michel de Certeau para trabalhar o lugar social do autor e mostrar como é forte a influência do contexto social na escrita infantil lobatiana.

Para refletir sobre a importância do discurso leitor e sobre a representação do negro na escrita lobatiana, utilizaremos as reflexões de Roger Chartier.

Para compreender melhor a discussão sobre racismo e a construção da identidade utilizaremos Munanga e Roger Bastide, este último nos ajudará inclusive na reflexão sobre a interface da História com a Literatura.

Nosso trabalho propõe um novo olhar sobre as obras citadas com o intuito de afastar a impressão de racismo e de preconceito já que segundo a crítica literária, alguns autores discriminam o escritor Monteiro Lobato, como um literata de comportamento preconceituoso que ao representar o personagem de Tia Nastácia na narrativa da literatura infantil brasileira a coloca ocupando posições de submissão.

A escolha pelo tema sobre Lobato partiu da necessidade de mostrar que o mesmo pode ser observado a partir do olhar do historiador, visto que comumente os estudos relacionados ao autor são, em sua maioria, originados de pessoas ligadas a literatura ou a pedagogia. Nesse caso, a história se aproxima da literatura para que a narrativa possa ser percebida na descoberta de valorizar a nossa origem étnica respeitando a memória, os costumes e valores adquiridos desde a nossa origem.

No Primeiro capítulo foi feita uma narrativa que retrata detalhes da vida do autor, o contexto social, político e ideológico deste, onde inclusive são relatadas as influências literárias que o autor teve contato.

O Segundo capítulo apresenta uma reflexão sobre as obras “*A Barca de Gleyre*” e “*Caçadas de Pedrinho*”. Esta última apresenta alguns contos que fazem parte das “*Histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo*” produzidas por Monteiro Lobato para a literatura brasileira infanto juvenil.

Embora o autor tendo feito parte do contexto social imposto pela sociedade da época, impregnada de doutrinas racistas, como o determinismo evolucionista e o darwinismo social defendeu algumas teorias raciais, imaginando que dessa forma solucionaria a falta de progresso brasileiro, portanto, não podemos julgar o comportamento de um autor apenas por suas produções.

CAPÍTULO 1: MONTEIRO LOBATO: CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E IDEOLÓGICO

Monteiro Lobato, cujo nome de batismo é José Renato Monteiro Lobato, nasceu em 18 de abril de 1882, período no qual o sistema escravocrata vigorava. Nessa época, o passado brasileiro era marcado pela vida sofrida dos indivíduos que, por causa da cor da sua pele, eram obrigados a executar o trabalho servil e habitar longe de seu ambiente de origem. Esses indivíduos escravizados foram trazidos para o Brasil e, como consolo para a vida hostil a que eram submetidos, mantinham acesa a chama da sua própria cultura.

Foi nessa sociedade de senhores e de escravizados que Lobato, na cidade de Taubaté chegava ao mundo em “berço de ouro”. Filho de Olímpia e de José Bento, Monteiro Lobato descendia de uma tradicional família paulista, cuja cidade de origem era a mesma Taubaté. Tinha como avô paterno um ex-barão, que depois recebeu o título de Visconde de Tremembé.

Juca, como era chamado Lobato no ambiente familiar, cresceu na fazenda “Buquira” – nome indígena que significava “Rio dos Pássaros” – que pertencia ao avô. Lá, ele cresceu participando de brincadeiras em meio à floresta que tinha nas proximidades da fazenda e que serviria mais tarde para ilustrar as suas criativas e fantasiosas histórias para crianças.

Ainda bem pequeno, através da produção de artigos para um jornalzinho da escola na qual estudava, Lobato dava início a sua participação no mundo das letras. Posteriormente por desejo do avô estudou no curso de Direito na Faculdade do Largo do São Francisco, na cidade de São Paulo, onde descobriu o prazer pela escrita e pelo desenho. No ano de 1904, participou de concurso literário pelo Centro Acadêmico XI de Agosto e publicou vários artigos para o jornal “O Minarete”.

Entre 1905 e 1910 Lobato retornou a cidade natal após concluir o curso de Direito e continuou também escrevendo artigos para o jornal “O Combatente”, situado em Caçapava. Ao ser nomeado promotor público foi morar em Areias e casou-se com uma moça chamada Purezinha. Logo após o casamento, Lobato começou uma nova atividade profissional, tradutor de textos do Weekly Times (Estado de São Paulo), e colaborou também em outros jornais do Rio de Janeiro. Mas, foi com a morte do avô que a vida de Lobato se modificou.

1.1- Contexto social de Monteiro Lobato

Para melhor compreender o pensamento de Monteiro Lobato é preciso que retornemos ao contexto social do qual o autor fez parte, àquele em que os abolicionistas brasileiros recebiam grande influência das ideias de intelectuais estrangeiros. Estas incentivaram uma transição do período monárquico ao republicano, tendo como resultado a construção de um novo modelo político onde se percebia a presença de pensamentos contraditórios.

Uns admitiam a sociedade brasileira como possuidora de uma forte tendência ao “atraso”, - idéia justificada pela presença do negro entre a população brasileira e, portanto, associada ao puro racismo. Outros ansiavam por uma sociedade de aspecto progressista, positivista e que em seu espaço social fosse possível criar uma nova sociedade, mais livre e desenvolvida.

Nesse contexto, foi sob a influência da ideologia do branqueamento juntamente com o liberalismo político e econômico que se desenvolveu, mais tarde, uma situação nacional mais definida e organizada, onde a sociedade se encontrava baseada nas teses do racismo científico e na exaltação das virtudes da miscigenação e da democracia racial.

Vários estudiosos brasileiros como Silvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e outros, desenvolveram estudos historiográficos com a finalidade de analisar os problemas causados pela miscigenação no Brasil, pois já no final do século XIX o contexto da transformação da sociedade se apresentava relacionado à necessidade de se identificar elementos que permitissem fazer uma construção ou reconhecimento da identidade nacional.

Segundo Schwarcz,

Adotando uma espécie de “imperialismo interno”, o país passava de objeto para a sujeito das explicações, ao mesmo tempo que se faziam das diferenças sociais variações raciais. Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos. (SCHWARCZ, 1993. Pg.28)

Para um país com população tão miscigenada e que aos poucos ia assumindo sua posição de sujeito ativo, havia uma certa dificuldade em classificar a etnia de nossa nação. Neste contexto, cabia ao Brasil absorver toda a diversidade étnica e cultural existente.

Mas, como construir uma identidade nacional se o pensamento sempre esteve relacionado a uma ideologia racista? É de nosso conhecimento que desde a segunda metade do século XIX o pensamento dos intelectuais já vinha sendo dominado pelo racismo científico, baseado nas teorias européias, cujos ideais seguiam o pensamento do darwinismo social. Foi após o lançamento do livro “*Origem das espécies*” de Charles Darwin, que surgiu o pensamento eugênico moderno do inglês Francis Galton, que imaginava melhorar a qualidade da raça humana a partir do ponto vista biológico que pregava a diferença racial, destacando que a “raça branca” seria superior. Portanto, para o estudioso, esta seria muito mais capaz de desenvolver o progresso da humanidade. Nesse caso, a idéia seria tornar a raça mais pura, o homem mais perfeito e as gerações mais evoluídas para derrotar os mais fracos.

Segundo Pietra Diwan,

Os ideais eugênicos modernos remontam à Antiguidade. Os padrões de beleza física da Grécia Antiga, assim como os exemplos de força dos exércitos de Esparta e, séculos antes, as regras de higiene dos hebreus e sua profilaxia também inspiraram os teóricos eugenistas da segunda metade do século XIX e princípios do século XX. Na Grécia Antiga colocou-se em prática uma medida que tinha em vista a purificação da raça, durante o apogeu da cidade-estado de Esparta. De acordo com Plutarco, o conjunto de leis de Licurgo no século VIII a. C. previa que desde o nascimento até a morte, todo espartano varão pertencia ao Estado. Todos os recém-nascidos eram examinados cuidadosamente por um conselho de anciãos e, se constatada anormalidade física, mental ou falta de robustez, ordenava-se o encaminhamento do bebê ao Apotetas (local de abandono) para que fosse lançado de cima do monte Taigeto. (DIWAN, 2007. Pgs. 21 e 22).

Fazendo uma reflexão sobre a origem desse pensamento referente aos ideais eugênicos, observamos que desde a Antiguidade já havia a preocupação com a perfeição humana. A idéia de selecionar o melhor já existia, pois havia o desejo de se produzir um

exército eficiente. Para isso a necessidade de se gerar sujeitos fortes e perfeitos, pois desde o nascimento a criança era preparada para no futuro, garantir a vitória do seu povo.

Esse retorno a Antiguidade em nossa narrativa teve o intuito de mostrar que ao longo da história sempre existiu a busca pela perfeição. Esse fundamento histórico e social fez com que ficasse cada vez mais forte na América Latina a procura por uma transformação social, cuja finalidade era a de promover a estabilização das nações latino-americanas, a partir da construção da identidade nacional.

Havia necessidade também de provar para os europeus que tais nações possuíam condições de promover o progresso, portanto, também sendo capazes de identificar simbolicamente o pertencimento que indicasse a origem nacional do indivíduo latino-americano.

Entretanto, para os europeus, a variedade étnica existente na América Latina resultava em uma população marginalizada. Eis aí a necessidade das nações latino-americanas se utilizarem da eugenia para mudar essa visão estereotipada do europeu que comparava a Argentina com os piores países da Europa e, a idéia de que a mistura racial da população do México prejudicava o seu próprio desenvolvimento.

Quanto ao Brasil, coitado, para os europeus, o nosso clima tropical favorecia o desenvolvimento da miscigenação, desvalorizando completamente a qualidade da nossa população. Nesse caso, a eugenia para a América Latina, além de servir para mudar o pensamento do europeu também teve o interesse pela busca da identificação nacional. (DIWAN, 2007. Pg. 76).

Se a eugenia promovia a desclassificação das raças não brancas, eis aí a dificuldade em associar ao país um futuro de completo desenvolvimento, pois a nação brasileira sempre foi constituída por uma variedade étnica e com a grande predominância do “mestiço” e do “mulato”. Isso implica mostrar como contraditório era para um país como o Brasil, tão miscigenado, utilizar-se do comportamento eugênico para tentar unificar etnicamente a população brasileira.

No Brasil a intelectualidade se preocupou em analisar e discutir sobre o assunto, entretanto, várias situações chamava a atenção dos estudiosos.

Surpreendentemente é que a eugenia teve uma permanência longa por aqui. Caiu no esquecimento após quase quarenta anos de intensos debates, reflexões e algumas realizações. Fenômeno pouco diferente do restante do mundo. Foi somente com a deflagração da Segunda Guerra Mundial e a divulgação dos métodos de esterilização e de limpeza racial pelos nazistas que mundialmente a eugenia tornou-se sinônimo de ciência a serviço da intolerância e de violência contra a humanidade. A partir daí o esquecimento tornou-se amnésia. (DIWAN, 2007. Pg. 88)

Na realidade, essa teoria há muito tempo tinha chegado ao país, trazida pelos próprios filhos dos cientistas que em viagem a Europa faziam contatos com tais estudos. Em virtude de o país ser considerado um campo fértil para algumas pesquisas, diante do aspecto tão diversificado da natureza e da própria variedade étnica, esse caminho serviu como porta de entrada para o contato com as teorias eugênicas. Embora tenha sido empregada de forma tão diversificada no mundo inteiro, sua aplicação foi considerada “uma violência contra a humanidade” diante dos métodos de comportamentos tão radicais como “*a esterilização e a limpeza racial pelos nazistas*” (DIWAN, 2007, pg. 88).

Alguns estudiosos como Gustave Le Bon, Arthur de Gobineau e Louis Agassis fizeram parte dessas expedições onde relataram em seus diários de bordo a situação dos negros e mestiços no processo de mestiçagem resultante da promiscuidade a que ficava exposto o povo brasileiro desde a vinda da família Real para o Brasil. (Ibid. Pg. 89).

Para esses estudiosos, o Brasil produzia um povo instável e degenerado, já que a mestiçagem representava atraso e nenhuma perspectiva para o progresso que estava direcionado apenas as nações cuja população possuísse raça pura e branca. A partir da mistura das raças o gene mais frágil iria permanecer sempre presente entre a massa de um povo. Nesse caso é interessante citar os estudos de Gustave Le Bon onde eram apresentadas reflexões sobre a importância da superioridade da raça branca, inclusive o estudioso destacava alguns detalhes referentes a etnia comparando-os com características de animais com o objetivo de ditar critérios para diferenciar as várias etnias existentes. Nesse caso, a desclassificação do mestiço se acentuava ainda vez mais já que o mesmo tinha características bem distantes das características do branco, do negro e do índio.

É dentro desse contexto que não podemos deixar de citar também Silvio Romero intelectual “*que acreditava ver a mestiçagem como a saída para a homogeneidade nacional.*”

(SCHWARCZ, 1993, pg. 153). Enquanto Le Bon se destacava ao mostrar que o indivíduo miscigenado devido a hibridização étnica não podia pertencer a raça branca, negra ou indígena, por ser possuidor da mistura de características de duas ou mais etnias, Silvo Romero contrariando as expectativas de Le Bon afirmava que a prática da miscigenação iria no futuro acelerar o branqueamento da população brasileira. (DIWAN, 2007. Pg. 89).

De certa forma Romero se destacou por apresentar um comportamento radical derivado de seu naturalismo evolucionista que, embora também se utilizando das teorias científicas como ponto de partida para resolver o problema da identidade brasileira, fez com que o mesmo se apresentasse contrário ao positivismo Frances.

Romero acreditava que a miscigenação ou hibridização étnica fosse a solução para resolver o problema do reconhecimento nacional. Isto é, a medida que fosse introduzido os genes da etnia branca haveria um branqueamento natural da população brasileira. Mesmo de posse desse pensamento, o intelectual não conseguia se afastar do determinismo racial.

Foi dentro dessas discussões que o pensamento desse intelectual e de tantos outros já citados tiveram como destaque a importância de valorizar o branqueamento através da miscigenação, que era nada mais, nada menos, do que estimular a imigração de origem européia com o objetivo de conseguir o branqueamento da população brasileira.

Esse pensamento foi de grande influência para os intelectuais das três primeiras décadas do século XX, por ser um processo natural, simples e fácil de conseguir o progresso da civilização. Dessa forma predominaria a raça branca, enquanto que a raça negra e a indígena se tornariam, aos poucos, abolidas e, segundo os estudiosos, com uma forte tendência a desaparecer. Diante desse comportamento, estaria justificado o incentivo da imigração européia, já que existia nele a esperança de promover o desenvolvimento do país baseado no ideal europeu.

Mesmo sendo do conhecimento de todos que a miscigenação brasileira recebeu uma grande força étnica dos brancos europeus, africanos e indígenas que resultou na pluralidade étnica da nossa população, o preconceito ainda continuou sendo percebido e encoberto por comportamentos que apresentavam puro eufemismo, resultado da forma como foi tratada a questão escravocrata no nosso país.

Nesse caso, poderemos ver identificada na citação abaixo o desejo que se tinha em promover a construção da identidade nacional.

Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o ânimo de romper sozinha para a frente, numa projeção vigorosa e fulgurante da sua personalidade. (SKIDMORE, 1976. Pg.186).

Na realidade o conceito de nação aparece comparado a algo adormecido ou a um estranho que precisa ter seu valor reconhecido. Para que isso fosse possível, havia a necessidade que essa nação fosse respeitada e estimada visando despertar em todo o povo a importância de se pertencer verdadeiramente a uma nação. Esta condição podia ser construída a partir da afetividade, desde que rompesse com o estranhamento e despertasse a condição de pertencimento a um determinado lugar.

Nessa época o ideal de branqueamento ainda continuava dominando o pensamento dos formuladores da doutrina e dos críticos sociais. Os intelectuais absorveram a idéia de que não havia mais a necessidade de se discutir sobre questões raciais, pois a diferença étnica estava mais relacionada aos problemas sociais que, para eles, já vinham sendo solucionados pela imigração de europeus, que punha em prática o processo de branqueamento da população.

Enquanto isso surgia um novo comportamento para explicar a diferença racial da população brasileira: os cientistas levantavam a hipótese de que essa questão poderia ser percebida a partir “do ponto de vista do meio ambiente” (SKIDMORE, 1976). Nesse caso, percebemos a existência de escritores que destacavam em suas narrativas referências sobre a herança étnica africana. Dentre estes, Gilberto Freire procurava valorizar a origem do povo brasileiro, pois em sua obra “Casa Grande e Senzala”, o autor faz uma narrativa onde aborda a convivência pacífica e harmoniosa das diferentes classes sociais: a classe do “Senhor” e a classe do “Escravidado”. Na mesma obra, o autor observa, também, esta última classe social através de um olhar mais positivista que permitisse reconhecer o valor e a importância da herança africana.

1.2 – Influências políticas

Diante dos vários pensamentos e questionamentos sobre uma melhor sociedade brasileira, as primeiras décadas do século XX foram marcadas por algumas transformações na tentativa de modernizar o país, sem esquecer-se de frisar que o progresso e a modernização no Brasil sempre estiveram relacionados com questões raciais, como se a raça tivesse o poder de determinar o valor de um povo e, conforme essa necessidade, a modernização deveria ser imposta à sociedade brasileira na época.

Seria então esse o grande momento de se aproveitar a chance para adquirir um novo espaço onde se promovesse uma vida digna, indiferente da cor da pele ou da condição social.

O incentivo a imigração, a urbanização, ao reconhecimento pelo serviço do trabalhador da cidade e do campo, desenvolvimento da industrialização, etc. poderia contribuir para melhorar a concepção dessa sociedade na época.

Dessa forma o país seria modernizado dentro do ideal de desenvolvimento capitalista, inclusive apresentando como destaque o movimento modernista que teve seu início na década de XX. Porém, foi na década de trinta que ficaram as marcas – mudanças importantes ficaram refletidas no formato da escrita de Lobato.

Foram anos de incertezas e de indefinições, mas, também, de modificações e de redescobrimientos, pois, havia a probabilidade da existência dessa nova sociedade mais organizada e próspera que pertencia ao ideal brasileiro.

Os primeiros anos da década de 1930 são apontados, unanimemente, pela historiografia como de acentuada instabilidade política face à incapacidade de qualquer dos grupos dominantes em assumir, “como expressão do conjunto da classe dominante, o controle das funções políticas” do Estado (7). Por conseguinte, esta situação seria responsável pela configuração mais nítida de algumas das características da política brasileira, entre elas: “a personalização do poder, a imagem (meio real e meio mítica) da soberania do Estado sobre o conjunto da sociedade e a necessidade da participação das massas populares urbanas. (GOMES, 2000. pg. 13).

Embora a burguesia rural agrária, movimentada pelos barões do café, estivesse perdendo espaço para a nova era do desenvolvimento industrial, outra burguesia também estava surgindo: a dos industriais, que com a criação de novas fábricas, favorecia ao rápido aumento de operários no setor urbano das cidades brasileiras.

Foi em clima de novas perspectivas e de mudanças graduais na elite brasileira que o Estado também começava a se definir conforme a sua atuação, no interior dessa nova sociedade de comportamentos tão complexos. A nova população operária originada da indústria, juntamente com o trabalhador rural agrário, dava início a sua luta de reivindicações em prol dos próprios direitos dos trabalhadores.

Enquanto isso, os militares procuravam fazer-se presentes em várias situações sociais, evitando a formação de organizações e militâncias que tivessem o interesse em se posicionar contra o sistema de governo do momento. A própria sociedade questionava e cobrava mudanças para que fosse enfim, efetivado o regime constitucional democrático, sonho da maioria do povo brasileiro, pois a massa de desempregados aumentava a cada novo dia no país.

Com a queda do presidente Washington Luiz, em 24 de outubro de 1930, tinha sido instalado no poder um governo provisório que dava autoridade presidencial ao candidato derrotado para as eleições presidenciais cujo nome era Getúlio Vargas.

A posse foi em 3 de novembro e a promulgação do decreto de nº 19.398 determinava os poderes do cargo do novo presidente, que reunia funções e atribuições do Poder Executivo e Legislativo, onde se via também incluída a elaboração dos decretos-leis. Contudo, a nova condição de governo deixava dissolvido o Congresso Nacional, as Câmaras Estaduais e Municipais e, ou quaisquer órgãos deliberativos e legislativos que fizessem parte da vida política brasileira. Entretanto, ficava também determinado que o poder do governo provisório deveria permanecer até a eleição da Assembléia Constituinte, cujo objetivo era o de estabelecer uma organização constitucional que visava corrigir a antiga Constituição de 1891.

Outro momento de destaque do contexto histórico e político, foi a publicação do decreto governamental nº 20.076/32 no dia 10 de fevereiro de 1931, que determina a formação de uma comissão com a finalidade de analisar e rever toda a legislação do Código Eleitoral. Eis aí uma das primeiras providências formais do governo provisório. Esse decreto, além de regulamentar o alistamento e as eleições federais, estaduais e municipais, apresentava

várias inovações: o voto secreto e direto, que inclusive na década de vinte já fazia parte do desejo moralizador da vida política brasileira, e o voto feminino, considerado também uma grande conquista das mulheres, pois se considerava que a população feminina existente no território brasileiro tinha o poder de facilitar a eleição de qualquer candidato.

Se no mundo, coincidentemente, o momento era de greves, reivindicações, agitações sociais, ocupações de fábricas e disputas de classes, aqui em nosso país se percebia uma possível abertura para um projeto nacional, com a perspectiva de adquirir uma melhor orientação política para a burguesia baseada no desenvolvimento social varguista. Este último tinha característica típica dos regimes autoritários, criados a partir de atos de força: para justificá-lo e legitimá-lo foi outorgada uma Constituição redigida às pressas que foi também parcialmente inspirada nas constituições fascistas da Itália e Polônia (Constituição de 1937).

Nesse contexto, aquelas teorias racistas do século passado já estavam fora de moda e ultrapassadas, restava agora desenvolver um novo pensamento mais atualizado e mais moderno com a finalidade de desenvolver uma nova identidade nacional para o brasileiro, dessa vez no pensamento coletivo. E novas teorias iam substituindo as anteriores, novas influências iam ampliando o campo de estudo através de comparações com outras sociedades mais desenvolvidas.

Antropólogos e intelectuais centravam seus estudos nas diferentes áreas culturais. Inclusive, conforme já citamos anteriormente, Gilberto Freyre se destacava como um dos que estavam à procura de solucionar o problema da identidade nacional, onde através da assimilação era construído o mito da democracia racial, onde as três raças assumiam a origem da nacionalidade brasileira.

A ditadura Varguista, por mais violenta que tenha sido, não se assemelhou aos excessos totalitários do fascismo europeu. Ao mesmo tempo, as principais lideranças política do país que poderiam fazer uma oposição de cunho liberal a Vargas, se viam presas a compromissos com o novo regime, como os interventores nomeados nos Estados que eram quase todos governadores em 1937 e iriam permanecer no poder enquanto durasse a ditadura.

Quanto ao crescente operariado urbano, a oposição era nula; eram reféns do populismo Varguista e privados de suas principais lideranças de esquerda desde 1935 – restava apenas aceitar o novo regime. Curiosamente, a tentativa de derrubar o Estado Novo partiu de um

grupo simpatizante de medidas autoritárias e fascistas (Intentona Integralista), mas, mal organizados, fracassaram.

Vargas tinha o desejo de consolidar a ditadura, então criou um Departamento de Imprensa e Propaganda com o objetivo de fazer propaganda dos atos do governo, procurando sempre exaltar a figura do presidente e, de alguma maneira, aproximá-lo da massa. Esse departamento controlava os meios de comunicação e massa, além de realizar violenta censura e promover eventos culturais que valorizassem a figura de Vargas, identificado como legítimo representante dos interesses nacionais.

Outro mecanismo de manutenção do poder do Estado foi a criação do Departamento Administrativo do Serviço Público, que tinha a função de coordenar e controlar a atuação dos órgãos públicos, aumentando sua eficiência.

Entretanto, o principal instrumento de fortalecimento do poder do Estado foi a aproximação de Vargas aos trabalhadores urbanos, em grande parte imigrantes, configurando a prática do populismo. A satisfação das reivindicações populares, por meio de uma legislação trabalhista cada vez mais completa, por um lado aproximava o presidente das massas, mas por outro acabava por desmobilizá-las. Não parecia ser necessária uma organização sindical, uma vez que Vargas atendia às reivindicações mais imediatas dos trabalhadores.

O Estado estava personificado no chefe político. Entretanto, a adoção do populismo no Brasil teve importância fundamental no sentido de viabilizar o próprio processo de industrialização. Com a finalidade de ampliar sua base de sustentação, Getúlio usava da estratégia de tentar agradar a todos ao afirmar que iria “facilitar o investimento de capitais privados estrangeiros, sobretudo em associação com os nacionais, uma vez que não chegassem a ferir os interesses políticos fundamentais do nosso país”. Isto é, se dirigia as massas em tons nacionalistas, criou leis trabalhistas, empresas estatais e mobilizou amplos setores da população e da imprensa. Mas, apesar da reforma de setores sociais para agradar a população, nunca pretendeu ser um revolucionário popular.

1.3 - A escrita e os diálogos teóricos de Lobato

Em 1916, através de alguns escritores, a “Revista do Brasil” divulgava palavras de estímulos aos leitores para que estes despertassem para a conscientização sobre a importância da identidade nacional. Então, todos os problemas referentes ao Brasil iam sendo discutidos nessa revista pelos colaboradores da imprensa. Esta revista se destacava pela forma como comentava determinados assuntos: Segundo Wladir Dupont, escritor que também escreveu sobre a vida de Monteiro Lobato, citando detalhe apresentado pela escrita da Revista do Brasil:

Com uma linha editorial bastante bem definida, disposta a criar uma consciência nacionalista no país, combatendo o que hoje seria chamado de colonialismo cultural, a Revista do Brasil era o veículo perfeito para Monteiro Lobato. (DUPONT, 1982. Pag.27).

A Revista do Brasil discutia sem restrição os assuntos mais variados possíveis: citava as técnicas norte-americanas que deveriam ser aplicadas aqui no país, relatava as organizações de trabalhos nas fábricas, discutia sobre o desenvolvimento industrial e outros temas referentes à modernização.

Através da leitura dessa revista era possível perceber o aumento do número de escritores que se preocupavam com a discussão sobre assuntos que abordavam problemas nacionais. O destaque é que noticiavam também problemas das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e até sobre algumas cidades européias. Mas, a partir da terceira publicação e diante da frequência com que eram abordados os assuntos referentes aos países estrangeiros, Lobato se posicionou contra a revista. Isso não impediu, contudo, que em 1918 o autor publicasse o seu livro “Urupês” também na própria revista, após assumir sua compra.

O livro não era inédito, era composto pelas produções de contos anteriormente já publicados em revistas e jornais, mas foi a obra que promoveu o escritor e o fez despertar para

o mundo dos intelectuais escritores. No mesmo ano Lobato desenvolveu um inquérito sobre a figura folclórica do Saci-Pererê que depois se tornou livro.

Em 1918, Monteiro Lobato desenvolveu um projeto de reeducação direcionado a “elite brasileira” com o intuito de estimular uma reflexão sobre os problemas econômicos e sociais do país (SKIDMORE, 1976. Pg. 187). Durante o projeto, incentivou o hábito da leitura, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a prática da mesma. Assim, estimulou uma reflexão sobre o clima político, econômico e social bem como, de forma forçosa, fez com que uma parte da população ficasse ciente dos problemas que envolviam a nação brasileira. Neste sentido criou o personagem Jeca-Tatu, voltado para a questão da higiene sanitária no Brasil.

Dentro do campo literário, segundo o seu biógrafo Edgard Cavalheiro (1955), Lobato quando nasceu encontrou o mundo em plena época realista e, durante a sua infância, percebeu a riqueza da literatura através da poesia parnasiana e do romance naturalista. Em 1881, Lobato teve contato com a obra, “O Mulato” de Aluísio Azevedo e em 1883 com os primeiros versos de Olavo Bilac, influências que ajudaram a enriquecer o autor tanto no lado social quanto no intelectual, conseqüentemente o contato com tais literatura deu origem a pessoa inquieta que foi. Segundo as palavras de Wladir Dupont:

Figura polêmica, controvertida, tanto do ponto de vista literário, como sob o ângulo de suas atividades políticas, deixando sempre no espírito daqueles que o analisavam uma sombra de dúvida – se não um enigma, pelo menos cheio de facetas profundamente mergulhadas numa escorregadia zona escura. Até hoje ele provoca invariavelmente as mais discrepantes reações. (DUPONT, 1982. Pg. 18)

De acordo com as influências recebidas, percebemos o despertar do autor para um mundo de situações complexas que deixavam transparecer na pessoa de Lobato um alguém inquieto e insatisfeito assim como, pelas suas polêmicas e controvérsias, um escritor difícil de ser analisado. Talvez um sonhador que ao preparar a obra infantil não quis colocar uma opinião mais definida sobre política e religião, embora procurasse aproximar sua obra de uma realidade. Mesmo diante de tantas dúvidas e incertezas sobre os mistérios da alma humana,

em suas obras o autor sempre evitava falar da origem da vida e sobre alguma situação psicológica dos seus personagens. (DUPONT. 1982).

Lobato, que tinha adquirido o prazer pela leitura ainda quando estudante nas classes iniciais da escola, também adquiriu bem jovem a prática de desenvolver narrativas em formas de artigos para pequenos jornais e foi neste período, que mantendo o hábito diário da leitura, o escritor teve contato com ideais que faziam parte do socialismo.

Sem que este fizesse escolha em seguir qualquer ideologia, o autor despertava para o desejo de encontrar uma liberdade que o mesmo não conseguia explicar como classificá-la e, cada vez mais se sentia completamente envolvido pelas suas novas leituras e pensamentos dos estudiosos que indiretamente iam também influenciando as ideias desse autor.

Enfim, Lobato não tinha muita certeza do que procurava e, foi através de Spencer, Darwin, Nietzsche, Voltaire e Comte que o autor saiu em busca de novas explicações para compreender as suas angústias e dúvidas. Mas foi em Nietzsche que Lobato encontrou a influência para boa parte da sua vida. Segundo palavras de Edgard Cavalheiro,

A filoria que sua intuição vislumbrara. Ficaré na vida sem sistematização alguma, livre como um passarinho a esvoaçar para onde lhe agrada, levado apenas pelas suas intuições, insubmisso à fórmulas e autoridades. Insubmissão que se estenderia a sua literatura, a todas as coisas em suma que lhe ocupariam o corpo e o espírito. (DUPONT, 1982, pg. 23 e 24)

À medida que o autor tinha contato com várias ideologias sua forma de escrever ia adquirindo uma nova forma de se expressar. Da mesma forma que usava a liberdade para escolher suas leituras também se apropriava dessa mesma liberdade para escrever e produzir sem medo de perseguições, o que lhe permitia produzir por intuição.

À medida que escrevia, Monteiro Lobato se destacava como jornalista e escritor. Concorreu a uma seleção na Faculdade em que estudava e ganhou o primeiro lugar com o conto “Gens Ennuyeux”. Neste conto, já se percebia um estilo literário próprio, identificado pela forma irônica, pela prosa, pelo sarcasmo e até mesmo pela presença do humor que se transformava em um jeito pessoal de contar suas histórias e contos.

Novos jornais foram surgindo tendo Lobato na liderança na produção dos artigos. O autor, além de redigir, desenvolvia também todo o layout das páginas. Um dos jornais a que Lobato prestou boa contribuição foi o “O Combatente”. Entretanto, pelas constantes perseguições sofridas, esse jornal foi proibido de circular devido às críticas que eram feitas a “mocidade” que fazia parte da “elite paulista”.

Observamos que o contexto vivido por Lobato foi marcado por uma época de várias correntes ideológicas. Para nós, o autor se apresenta como um homem político sempre envolvido com os problemas sociais, se mostrando contra as diferenças de forma em geral.

Através do discurso de Lobato, sob a visão teórica e a visão ficcional de algumas de suas obras, percebemos o posicionamento do escritor como formador de leitores e de ideais, pois, é a partir do reconhecimento do lugar social deste, que poderemos compreender a origem de seus pensamentos.

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc.(CERTEAU, 1982, P. 66)

Segundo Michel de Certeau (1982), em “Escrita da História”, é importante compreender como o autor estava envolvido em seu lugar social, pois através desse lugar é possível perceber a influência de suas idéias presentes nas produções literárias, embora sabendo existir a possibilidade dessas produções possuírem novas influências, pois é sabido que durante a década de trinta no Brasil, Lobato teve grande relevância.

Pelas nossas pesquisas, percebemos que era interesse do escritor contribuir para que o país tivesse uma abertura completa da economia aos capitais estrangeiros, principalmente aos ingleses e americanos. O sonho de querer um país desenvolvido, industrializado, explodindo em um progresso imediato que levasse à modernização do país se apresenta destacado nas próprias palavras de Lobato.

Sinto-me encantado com a América, Imaginei grande, mas é muito maior! O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro... Que estupidez infinita estragar uma vida inteira aí (no Brasil) ... O mundo já está na era do rádio, e o Brasil ainda lasca pedra. Ainda é troglodita. O Brasil dorme. Daqui se ouve o seu ressonar. Dorme e é completamente cego. (DUPONT, 1982. Pag.32 e 33).

De acordo com as palavras de Wladir Dupont, para o escritor Monteiro Lobato, a América era muito mais do que ele imaginava: era o desenvolvimento e o futuro. No entanto, diante das maravilhas do modernismo, Lobato tinha que enfrentar o contraste existente no Brasil. Daí o interesse em despertar o “gigante país que dormia” e conseqüentemente, que deixava de enxergar a própria realidade, ficando despercebidas as muitas atitudes suspeitas, pertencentes aos poderosos.

Para Lobato, era admirável observar o grande progresso da América. Nas suas reflexões, o mesmo percebia que entre tantos fatores que promoviam o tal progresso econômico havia dois produtos que movimentavam com grande eficiência o mercado americano: o “ferro” e o “petróleo”.

O governo só estava interessado em acrescentar posses ao poder público, deixando de lado a verdadeira necessidade; o bem estar social e o progresso do país.

Vejamos a citação abaixo:

Lobato dizia que “o governo não tem coragem de antepor o bem público, as verdadeiras necessidades do país, a felicidade e a prosperidade de 45 milhões de pobres diabos coloniais que somos, aos interesses dos grupos financeiros daqui, ligados ao capitalismo Anônimo Internacional que paira sobre o mundo como tremendo pássaro Roca, controlador dos governos fracos e promotor de guerras entre os governos fortes (DUPONT, 1982. Pg.33).

Nas palavras de Wladir Dupont, percebemos que Lobato demonstrava uma preocupação em promover um Brasil mais desenvolvido e próspero, pois, embora o escritor fizesse parte da elite brasileira, não se conformava em aceitar a exploração capitalista dos grupos internacionais que só fazia aumentar a distância das diferenças sociais pelo controle da riqueza no país. O escritor, em suas obras, sempre procurava se expressar na forma da denúncia mostrando as mazelas físicas, sociais e mentais existentes no Brasil oligárquico.

Imaginando-se bem sucedido com a produção de livros, Lobato prosperou com a sua indústria estimulando o povo a ter o hábito da leitura, já que na época poucas pessoas tinham o costume de ler.

O empreendimento editorial cresceu de forma que Lobato teve que importar máquinas dos Estados Unidos e a produção de livros foi melhorando de qualidade a cada nova remessa. Era importante investir em capas coloridas para chamar a atenção do público leitor. Em 1921, foi publicada a primeira história infantil “A menina do Narizinho Arrebitado”. O livro foi um grande sucesso e foi a partir dessa publicação que surgiram os novos episódios infantis, O Saci, O Marquês de Rabicó, Fábulas e Jeca-Tatuzinho.

Diante das tradições dos livros europeus, Lobato fez questão de produzir histórias infantis que retratassem os nossos costumes e personagens folclóricos brasileiros. Neste caso, o autor misturou elementos da literatura universal com outros que faziam parte das lendas e do folclore nacional, incluindo até alguns que fazem parte da mitologia grega. Assim, o autor fazia uma mistura do fictício com o real. O escritor recuperou costumes e valores do povo brasileiro sem deixar de lado o destaque que faz referência, inclusive, à negritude de tia Nastácia e à sua origem afrodescendente.

Através da sua escrita que mistura fantasia e realidade, Monteiro Lobato transmite o conhecimento e idéias, inclusive, ajuda a compreensão de algumas disciplinas como, matemática e geografia.

Entretanto, em 1924, todo esse sucesso editorial enfrentou crises financeiras, conseqüência da Revolução dos Tenentes. Uma inesperada seca motivou um corte no fornecimento de energia e uma grande mudança econômica gerou uma desvalorização da moeda resultando em grandes problemas financeiros na editora. Assim mesmo em meio às dificuldades, Lobato conseguiu abrir mais uma editora, a Companhia Editora Nacional. Com a abertura desta empresa o autor, readquiriu também o seu prestígio voltando a fazer as boas impressões de livros. Em 1925, escreve uma série de artigos, o romance em folhetins “O Choque das Raças ou o Presidente Negro”, considerado um grande fracasso para o autor, onde inclusive é citado nessa obra sobre a eugenia.

Em 1927, no Rio de Janeiro, Lobato, já afastado da editora por motivo de falência, deixa a editora Nacional sob o comando do sócio. Nesse mesmo ano estava no poder o governo de Washington Luis e a convite do presidente, Lobato assume o posto de adido

comercial em Nova Iorque. Diante do grande interesse em fazer parte de uma nação cujo progresso fizesse parte a inovação tecnológica, um Lobato maravilhado se dispõe a trabalhar para aproximar o Brasil da América desenvolvida, os Estados Unidos.

Ao produzir matérias sobre vários assuntos conseguimos perceber sua preferência pelo industrial Henry Ford, cujo artigo provocou muitos comentários entre os leitores. Lobato permanece quatro anos na função de Adido Comercial, mas inconformado com o lento desenvolvimento brasileiro compreende que o grande desenvolvimento da América é originado da indústria e volta ao país no ano de 1931, encontrando o país recém-saído de uma revolução.

Lobato percebe que o país vivia um clima de pessimismo e tenta convencer o povo convocando-o para lutar pelo petróleo através de campanhas por ações. Então esse autor lança a Cia. Petróleo do Brasil com o intuito de conseguir capital. No entanto, como não consegue sucesso com a campanha, mais tarde elabora um projeto para desmistificar a lenda de que no Brasil não existia petróleo.

Através da publicação de “O Escândalo do Petróleo”, Lobato faz uma denúncia ao contar a verdadeira versão causando indignação e revolta. Havia um complô entre empresas estrangeiras que defendiam a lenda de que não haveria petróleo no solo brasileiro e Lobato através da imprensa cria um princípio de consciência nacional relacionado ao problema do petróleo brasileiro.

Envolvido com tal problema o autor fica afastado de algumas questões políticas como a Intentona Comunista de 1935. Com a destruição da Constituição pelo regime militar imposto, a liberdade também é destruída então, a obra Escândalo do Petróleo é proibida.

Após tantos problemas enfrentados, tais como a perda de dois filhos, recusa de trabalho no governo de Getúlio Vargas, noventa dias na cadeia e, quase sem recurso financeiro, Lobato passa a considerar o espiritismo com religião. Segundo o biógrafo Wladir Dupont, Lobato corta relações com a vida monetária e volta a viver pela literatura. Em 1946 é publicado “*os Trabalhos de Hércules*” e o autor termina os contos infantis iniciados em 1921 com a saga de Narizinho. O autor escreve trinta e nove histórias para crianças, das quais sete são originais e duas adaptações.

CAPÍTULO 2: “A BARCA DE GLEYRE” E “CAÇADAS DE PEDRINHO”: O PROTAGONISMO DE TIA NASTÁCIA

Conforme demonstrado nos primeiros capítulos, a escrita de Monteiro Lobato recebeu forte influência de seu contexto histórico e social, o que fez com que suas obras se tornassem um campo fértil para se trabalhar a discussão sobre questões raciais.

Diante da produtividade deste tema, nos utilizaremos das obras “*A Barca de Gleyre*” e “*Caçadas de Pedrinho*” para elaborar uma reflexão sobre estereótipos de negros utilizados pelo autor, mostrando como os personagens são apresentados por este, e como o mesmo se comporta diante das questões relacionadas com a etnia negra.

2.1 – A Barca de Gleyre

Para compreender o pensamento de Monteiro Lobato, e a sua forma de se expressar utilizamos o livro “*A Barca de Gleyre*”. Esse livro contém quarenta anos de correspondências escritas pelo autor destinadas ao amigo Rangel.

A primeira edição do livro é do ano de 1944, pela Companhia Editora Nacional. São Cartas escritas pelo autor e enviadas a Godofredo Rangel, que além de literata e professor, também era juiz da comarca de Minas Gerais. A correspondência teve início no ano 1903, quando os amigos ainda estudavam na Faculdade de Direito de São Paulo, momento em que ideias fruto dos anos de 20 e 30 inquietavam o autor Monteiro Lobato.

Pelas narrativas das correspondências como em “*Quarenta anos do mesmo amigo e mesmo assunto, que fidelidade...*” (LOBATO, 2010. Pg.31), é demonstrada uma profunda amizade entre Lobato e Godofredo Rangel, que tinham na literatura uma comunhão compartilhada.

Nestas cartas foram depositados sentimentos e sonhos, franqueza que acompanhou a discussão sobre problemas políticos e sociais. Apesar disso, a análise e crítica da literatura sempre permaneceram como problema central.

Por desejar uma sociedade moderna, Lobato se mostrava contra a linguagem literária tradicional da época, aquela que recebia influência da França. Procurava sempre elogiar a literatura de Euclides da Cunha e Machado de Assis.

As críticas feitas pelo autor eram muitas, principalmente com relação aos escritores que empregavam palavras de sentido pouco utilizado na literatura brasileira, daí o interesse do próprio Lobato em estudar todo o dicionário “Aulete” para conhecer os vários significados de cada palavra e empregá-los na forma correta em seus artigos e contos, pois, nas cartas, o autor não demonstrava possuir uma grande harmonia com a escrita da língua portuguesa.

Por sugestão de Rangel, Lobato publicou as cartas em formato de livro, embora o autor tenha demonstrado que estas não pudessem ser consideradas uma literatura.

O Gênero “carta” não é literatura, é algo à margem da literatura... Porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude diante desse monstro chamado público, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito. (LOBATO, 2010, pg. 31).

Para Lobato essas correspondências não poderiam ser definidas como uma literatura, porque para ele uma produção literária teria que ser cuidadosamente elaborada já que a mesma teria como objetivo o poder de domínio sobre um público. Nesse caso, a presença do fictício surgiria como uma elegante mentira, uma fantasia. Então, como as cartas geralmente são escritas em momento de desabafo, terminam por expressar algum sentimento, ou intimidade. Para o autor, as missivas se aproximavam mais da verdade, pois, diferentemente da literatura, elas ocupam a posição de um testemunho.

O testemunho do autor era dado então segundo um certo ritmo: todo o seu cotidiano e sentimentos íntimos iam sendo relatados. O próprio autor demonstra, em suas

correspondências, a importância das influências dos acontecimentos fáticos em suas obras. Assim, essa frequência de cartas culminou com o relato de toda a trajetória de vida desse autor.

Portanto, utilizar essas cartas em nosso trabalho significa aproveitá-las também na forma de um testemunho. A partir delas poderemos compreender melhor Lobato, seu estilo literário e seu pensamento de homem político. Como exemplo, temos uma correspondência levada a efeito em outubro de 1911, quando Rangel discutia com o amigo sobre artigos históricos que o enviava.

Numa das análises que Lobato fez sobre estes artigos ele faz uma crítica sobre como se dava a apresentação de alguns fatos históricos, nos quais alguns trechos da história são descritos apresentando os bons feitos dos heróis. No entanto, o que realmente interessava a Lobato eram os bastidores dos acontecimentos e esses detalhes não eram contados pelos historiadores daquela antiga história tradicional. Eis um fragmento da carta:

O que na Revolução Francesa me interessa é o que os estúpidos historiadores à moda clássica não contam. Eu quero fatias de vida da época, conservadas aqui e ali em memórias, em panfletos de despeitados. Interessa-me o bas-fond da revolução, o formigueiro dos interesses inconfessáveis, a trama secreta dos bastidores, os fios que movimentavam os polichinelos políticos – os subornos. A história fala no patriotismo de Danton, na virtude de Robespierre, mas o que me interessa conhecer é o apetite de Danton, a ambição de Robespierre. Os grandes homens aparecem infinitamente mais interessantes, mais homens, quando despidos das falsas atitudes com que os veste a História – esse reposteiro. Anatole acaba de dar um livro com drama da revolução, tal como gosto. Infelizmente os exemplares que vieram para São Paulo derreteram-se como sorvetes. Cheguei tarde. (LOBATO, 2010. pg.255)

Na citação percebemos um Lobato que tinha o olhar a frente do seu tempo. Alguém que ao trabalhar com a literatura sentia a necessidade de sair em busca de novas investigações. Preocupado em conhecer fatos que não eram descritos pela história, a procura da verdadeira face dos heróis dessas narrativas nas quais sujeitos anônimos não tinham direito

de fazer parte. Isso mostra que já brotava no autor uma insatisfação diante da posição da academia, a qual ainda aceitava uma narrativa de aspecto positivista.

O autor percebia que quando uma literatura apresentava o lado mais dramático da narrativa havia um desvio dessa produção; rapidamente evaporava-se, impossibilitando que algum leitor interessado pelos bastidores dos acontecimentos tivesse contato com detalhes que não deveriam ser divulgados.

Se alguém conseguia publicar uma história que apresentasse denúncia, a obra rapidamente encontrava destino indefinido. Eis aí mais uma insatisfação de Lobato, se faltava aos escritores da época mais argumentações e mais investigações para construir uma literatura mais consistente e realista onde se pudesse fazer denúncias e mostrar o que estava por trás dos acontecimentos, as perseguições impostas a própria literatura favoreciam a permanência dessa escrita camuflada.

Diante desse fato o autor se descobre impotente e por um determinado tempo perde o estímulo para escrever. Faltava algo mais na literatura para conquistar a atenção do público leitor, uma leitura mais prazerosa e que despertasse interesses. Isso fez com que na carta endereçada a Godofredo Rangel, Lobato, em momento de desabafo, se declarasse incapaz de criar literatura.

Sou incapaz de literatura não é de imaginação – é pensamento descritivo; não cria- copia do natural. Em suma sou um pintor; nasci pintor e pintor morrerei – e mau pintor! Nunca pinte nada que me agradasse. Quando escrevo, pinto – pinto menos mal do que com o pincel. Copista, portanto, e só. Talvez seja capaz dum livro de viagens, de impressões e até de pensamentos, porque meu cérebro pensa – mas é só. E não tenho fôlego. Escrever aborrece-me – mas quando estou desenhando ou pintando, esqueço de mim e do mundo. (LOBATO, 2010. pg. 255).

Pelas palavras do autor percebemos que ele absorve a função de um cronista: a medida que este percebe uma realidade consegue reproduzi-la através da escrita – da mesma forma

que o pintor se inspira em uma imagem da natureza para produzir sua obra de arte. Lobato aderiu, então, ao movimento realista com o intuito de narrar o cotidiano da época.

Suas obras foram construídas a partir de situações que o incomodavam, o que nos leva ao seu lugar social. Interessava ao escritor o que estava por trás dos bastidores de algumas situações, como exemplo, as injustiças sociais. “Homem de muitas facetas” e, batalhador pelas causas nacionalistas, Monteiro Lobato fazia da indignação pelas injustiças sociais a grande motivação para produzir suas obras. Daí o formato de uma escrita sem rodeios e bem objetiva, já que, segundo o próprio autor, se intitulava “chucro e bruto”.

Lobato, ao reconhecer a sua falta de segurança com a língua portuguesa, demonstra na carta que produz suas obras como alguém sem talento; como alguém que sem habilidade consegue realizar outras tarefas.

Acho o meu talento muito problemático; o que tenho é jeito, habilidade; e assim como sem ser pintor, pinto minhas aquarelas, sem ser caricaturista faço minhas caricaturas, sem ser relojoeiro conserto relógios (dos grandes), e conserto fechaduras, e faço toda uma mobília tosca, como fiz em Areias, e construo uma capelinha com torre (como a construí em Taubaté), assim também, por força desse mesmo jeito para tudo, escrevo artigos e contos sem ter o real, o sólido, o bom talento do escritor que veio ao mundo só para escrever. (LOBATO, 2010. Pg. 293).

O escritor se acha possuidor de um talento dramático, pois diferente de outros autores que vieram ao mundo com o mesmo talento, este não trazia embutido em si a inspiração para embelezar uma escrita. Ao contrário, ele só escrevia a partir do contato com o objeto. A realidade só era reproduzida porque o escritor tinha contato com ela.

É a partir dessa idéia de realidade que Monteiro Lobato se baseia para fazer uma escrita que represente o cotidiano visualizado pelo autor, assim como no caso as imagens dos personagens negros presentes em suas obras.

2.2 – Os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo

A obra a ser analisada; “*Caçadas de Pedrinho*” faz parte da obra infantil “*O Sítio do Pica-pau Amarelo*” completa de Monteiro Lobato composta por 16 volumes e dividida em quatro séries: “A”, “B”, “C” e “D”; nesse caso, o volume a ser analisado é o primeiro da série.

O Sítio do Pica-Pau Amarelo, produto da inspiração de Lobato, que quando pequeno caçava com o pai nas redondezas da fazenda Buquira, resultou da imaginação do autor para criar um Sítio em meio à floresta, colocando dentro dele todo tipo de diversidade possível, para ser trabalhada com a criança, com o objetivo de formar um cidadão mais consciente para o Brasil do futuro.

Os personagens centrais representam aqueles típicos de grandes fazendas – com adaptações que trabalham a inclusão –, seguidos por aqueles que são fruto da imaginação dos primeiros.

Dona Benta, por exemplo, ocupa o lugar de Senhora e governadora, a matriarca que tem a responsabilidade pela organização do local. Para a época, uma mulher comandar um espaço tão importante poderia chamar a atenção de qualquer leitor. O detalhe é que no contexto histórico em que a obra foi construída a própria mulher ainda lutava por um maior espaço na sociedade.

O direito pelo voto secreto feminino, por exemplo, ainda estava em questão. De certa forma, o autor colocava na ficção uma amostra da luta feminina pelo direito a participante ativa na sociedade somada à referência a importância do idoso – além de Senhora do lugar, a idosa Dona Benta ocupava um lugar de destaque no Sítio.

A inspiração de Dona Benta teve influência da pessoa de Purezinha, a esposa do autor, que juntamente com uma criada de nome “Tia Anastácia” vivia a contar histórias para os próprios filhos. Em uma correspondência de fevereiro de 1913 que consta no livro “*A barca de Gleyre*” o autor faz referência a esta última:

O peralta é Edgard. Põe-me doido e é escandalosamente protegido pela mãe e a tia Anastácia, a preta que eu trouxe de Areias e o pega desde pequenininho. Excelente preta, com um marido mais preto ainda, de nome Esaú. (Lobato, 2010. Pg.264)

Percebemos na citação que o autor naturalmente usa estereótipos para apresentar a característica da criada e de seu marido, no entanto, o fato de a negra ser chamada de “tia” já afasta um pouco o autor do estigma de preconceituoso. Diante da referência que o autor faz a criada, observamos que se o mesmo tivesse deixado de citá-la praticando um silenciamento sobre a presença ou a importância da criada, poderíamos sim identificar um comportamento de preconceito produzido pelo autor.

Pelo contrário, Monteiro Lobato demonstra um certo apego, aproximando a uma relação afetiva por esta negra que cuidava de seus filhos. Satisfeito pela sua confiança o autor lhe presta uma homenagem resgatando sua imagem em “*O Sítio do Pica-pau Amarelo*” como “Tia Nastácia”. (LOBATO, 2010)

Na obra, Tia Nastácia é representada como uma descendente africana, onde aparece bem destacada pela sua negritude. O autor parece querer afastá-la do preconceito social, pois, além de negra que ocupava o cargo de empregada doméstica, ela aparece no papel de contadora de histórias onde apresenta a importância da oralidade que auxilia a construção da identidade e da memória. No fragmento do livro, “*História de Tia Nastácia*” publicada por Monteiro Lobato poderemos ter uma melhor ilustração da personagem:

- As negras velhas – disse Pedrinho – são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esmérida, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. (LOBATO, 1937. Pg.4)

Pela forma como Tia Nastácia está representada, percebemos que o autor faz uma ligação com a realidade, recuperando valores e costumes, que de certa forma, ao serem aplicados pelo professor em sala de aula, serão bem trabalhados através da prática da leitura, permitindo que a criança questione e elabore histórias, inclusive sobre a própria vida. Assim, conceitos e valores serão identificados, possibilitando que o infante perceba a existência dessas diferenças e aprenda a respeitar e a valorizar o outro.

O autor, ao citar a expressão “*Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas*”, desenvolve o sentimento pelo reconhecimento da construção da própria cultura nacional reforçada também pela presença da diversidade étnica.

Contudo, percebemos que na narrativa das histórias do “*Sítio do Pica-Pau Amarelo*” Monteiro Lobato produziu um formato de escrita mais brando para referir-se a etnia negra, embora sem deixar de lado o seu jeito marcante de utilizar a ironia para citar as características da personagem da Tia Nastácia, chamando a atenção do público infante juvenil para que este percebesse a presença da diversidade étnica não somente nas páginas de suas produções, mas, também no próprio meio social. Afinal de contas, o autor sempre se utilizava das próprias experiências para expor suas idéias.

- Esta história se parece, com as nossas daqui – disse Narizinho.

- Bem bobinha.

- Sim, mas que havemos de esperar dos pobres negros do Congo? Sabem onde é o Congo?

- Sei – disse Pedrinho. – É quase no centro da África, do lado daquela costa que o senhor Pedro Álvares Cabral evitou de medo das calmarias. Há o Congo Belga e o Congo Francês. E sei também que cá para o Brasil vieram muitos escravos desses Congos.

- É verdade. O pobre Congo foi uma das zonas que forneceram mais escravos para a América, de modo que muitas histórias dos nossos negros hão de ter raízes lá.

- Quem sabe se Tia Nastácia é do Congo? – Lembrou Narizinho.

- Não – disse dona Benta. – Nastácia é neta dum casal de negros vindos de Moçambique.

- Hum, hum! – Exclamou Emília. – Moçambique! Que luxo...

(LOBATO, 1937. Pg. 12)

A obra infanto juvenil de Lobato terminou como referência básica para refletir sobre a questão racial, mesmo diante da evidência que a principal representante da etnia negra foi relacionada à condição de submissão. A associação nos remete a própria sociedade escravocrata na qual o negro ocupava o lugar de dominado e de submisso, contudo, nos faz lembrar que a valorização do pertencimento de uma etnia também pode ser trabalhado no sentido de promover uma valorização e reconhecimento da própria identidade.

Nesse caso, identificamos nas palavras de Kabengelê Munanga, sobre a construção da identidade da pessoa negra, que

No caso da população negra brasileira como de qualquer outra, a memória é construída, de um lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares vividos por esse segmento da população, e, de outro lado, pelos lugares herdados, isto é, fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo e forjando fortes referências a um passado comum (por exemplo, o passado cultural africano ou o passado enquanto escravizado). (MUNANGA, 2009, pg.16)

Como a identidade do povo brasileiro foi construída a partir da própria história dos escravizados que foram seqüestrados da África e que originou o nosso povo, mesmo a partir dessa origem, ou pela própria herança da cultura dos antepassados, cabe a nós desenvolver um novo olhar para perceber nossa própria identidade de forma mais significativa, procurando valorizar nossos próprios costumes herdados e, assumindo a própria condição de pertencimento. Isto é, reconhecer-se como originado de determinada cultura e reconhecer também o outro, respeitando a diversidade cultural de cada um.

Isso está diretamente relacionado com a questão da representação do personagem de Tia Nastácia, que embora tenha sido apresentada na literatura como descendente de escravizados, nas *“Histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo”* ela também é tratada com carinho pela maioria dos personagens do Sítio, mesmo que, às vezes, esta tenha que enfrentar algumas situações de constrangimento diante das agressões verbais originadas pela boneca Emília.

Refletindo sobre esse comportamento é bom lembrar primeiramente que Tia Nastácia é também apresentada pelo autor como, àquela que criou a boneca de pano que depois virou gente e, embora Tia Nastácia ocupe na história uma situação de submissão diante de Dona Benta e, ou, de outros personagens, a mesma teve a liberdade de desenvolver a sua criatividade ao construir a tal boneca.

Quanto ao comportamento que a boneca Emília dá a Tia Nastácia, considerando a época em que foi escrito o episódio infantil, podemos lembrar que o momento era de discussões sobre a política de branqueamento da população influenciada pelas teorias que definiam a prática da eugenia no Brasil, cujo intuito era o de construir a identidade nacional brasileira a partir do fortalecimento de uma única etnia.

Refletindo o diálogo irônico entre a boneca Emília e a Tia Nastácia: *“- É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia, que tem carne preta”*. Esse comportamento nos faz lembrar as questões raciais influenciadas pela prática da eugenia, visto que no início da produção das histórias infantis o autor se encontrava sob influência dessa prática, que em território brasileiro e sob o incentivo de Renato Kihl, o autor as aprovava, pois imaginava que a tal prática iria possibilitar o surgimento de sujeitos mais resistentes e mais ágeis favorecendo assim o desenvolvimento e o progresso da nação.

Discutida e vivenciada pelo próprio Monteiro Lobato, tal ideologia deu estímulos ao autor para buscar outras leituras que terminaram por ampliar seus questionamentos sobre a questão da construção da identidade nacional, que para Monteiro Lobato parecia estar sempre relacionada ao desenvolvimento da indústria do petróleo. Se a prática da eugenia pregava a valorização da raça mais forte, havia a perspectiva de se gerar também indivíduos mais fortes para trabalhar no desenvolvimento da nação.

O resgate histórico dessas discussões pode ser colocado em sala de aula, visando passar para o aluno todo o conhecimento sobre a eugenia que, baseadas nas conclusões biológicas objetivava criar um método de seleção humana. Abordar esse tema pode ser um

pouco complicado já que o mesmo não é comumente trabalhado. Há um estigma na abordagem desse assunto, como se sua mera menção pudesse trazer de volta os anos que se passaram. Mas, por vezes, nos esquecemos que é através dos fatos históricos que podemos construir uma sociedade mais receptiva evitando erros anteriores. A omissão que vem sendo levada a efeito pode ser catastrófica: ao invés de evitar o mal, pode torná-lo cíclico e assim, haveria um retorno aos temidos anos pela simples vergonha em discuti-los. Dessa forma, falar de eugenia talvez servisse para esclarecer alguns questionamentos referentes ao próprio preconceito racial.

Quanto aos personagens infantis que fazem parte da narrativa “*Sítio do Pica-pau Amarelo*”, Pedrinho e Narizinho aparecem como os netos de Dona Benta. Narizinho como companheira de aventura e, Pedrinho seria o próprio autor quando criança, este, ao manter guardado na memória as brincadeiras realizadas na floresta, próximo a fazenda do seu avô, terminou utilizando suas experiências como inspiração para as histórias infantis, ficando assim o próprio autor incorporado no personagem, que inclusive, se destaca na narrativa como o principal protagonista do volume publicado pela editora Brasiliense em 1933, “*Caçadas de Pedrinho*”.

Nele está o relato de que uma onça estaria rondando as proximidades do “*Sítio do Pica-pau Amarelo*”. Pedrinho juntamente com Narizinho, resolve organizar uma expedição para sair à procura da tal onça e caçá-la, mas, sem que Tia Nastácia e Dona Benta percebessem, pois caso contrário, as duas jamais deixariam a expedição prosseguir com o seu objetivo – caçar a onça pintada.

2.3 – Análise das representações de Tia Nastácia em “*Caçadas de Pedrinho*”

Observando a escrita de Lobato percebemos que o escritor se expressa de forma direta e sem muitos rodeios; é como se o autor não gostasse de utilizar termos que amenizam situações. Então, quando se refere ao personagem de Tia Nastácia cita logo a “negra” como se quisesse informar ao leitor que existe na sua literatura a presença da diversidade étnica.

Na realidade, o autor chama a atenção do leitor para a presença do elemento negro que é representado através da personagem de “Tia Nastácia” que também surge acompanhada de vários outros comportamentos, por exemplo: a aproximação de Tia Nastácia com a crença e o misticismo religioso.

Tia Nastácia de olhos arregalados do tamanho de xícaras de chá, até perdeu a fala. Limitava-se a fazer pelo-sinais, em cima do outro. (LOBATO, 1982. Pg. 55).

O ato de repetir os pelos sinais da cruz aproxima a personagem da representação cultural religiosa que por muito tempo esteve ligada ao catolicismo e que, aproximado ao misticismo, gerou um costume popular. Vejamos outro fragmento:

E Tia Nastácia? Essa ficou embaixo, rezando e riscando a cara e o peito de trêmulos pelo-sinais. Apesar de descrente da vinda das onças... (Ibid. Pg. 57).

A forte presença do sincretismo religioso é destacada na narrativa, para explicar essa invenção de ritos e símbolos adquiridos pelos africanos em terras brasileiras. É bom lembrar que o preconceito desde muito tempo não permitia a prática das divindades africanas nas nossas terras. Os negros escravizados que aqui chegavam eram obrigados a absorver os costumes europeus, conseqüentemente, terminavam abdicando de parte de sua própria cultura ancestral. Entretanto, à medida que os negros absorviam o catolicismo imposto pelos europeus, em segredo, eles ainda continuavam a cultuar seus próprios orixás, contudo, devido as perseguições da santa inquisição utilizavam as estátuas dos santos católicos para disfarçar seus cultos, associando seu deus as imagens dos santos. Nesse caso, encobertas pelo intenso sincretismo o verdadeiro significado das crenças africanas eram confundidos com a prática do catolicismo.

Como a própria experiência de vida do autor ajudava a construir suas obras, a forma de Monteiro Lobato se expressar é destacada pela simplicidade com que emprega os adjetivos que caracterizam os personagens. De acordo com a citação, fragmento da carta onde Lobato diz a Godofredo Rangel que o mesmo não precisa se utilizar de expressões do tipo “me faça o favor” ou “se não for incômodo”, porque o autor corre o risco de tropeçar na leitura. Isto é, de forma bem grosseira ele se auto-denomina, chucro e bruto, e se declara como alguém que não se preocupa com a própria forma de se expressar, daí em alguns momentos da sua escrita percebemos o uso da ironia até com ele mesmo.

E agora, um puxão de orelhas: por que usas etiqueta comigo? Tuas cartas vivem cheias de “faça o favor”, “se não for incômodo”, e mais fórmulas da humana hipocrisia. São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. Faça como eu. Seja bruto, chucro, enxuto. (LOBATO, 2010. PG. 56)

O que pretendemos com essa citação, que faz parte da carta de janeiro de 1904, é chamar a atenção para o formato bem realista da escrita de Lobato. O autor segue toda a narrativa chamando Tia Nastácia de “a negra”, como se a cor da pele pudesse ajudar a definir melhor a característica da personagem. “*Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era...*” (LOBATO. 1982. Pg. 47)

É ainda no livro, “*Caçadas de Pedrinho*”, que Lobato também se utiliza de adjetivos para dar qualidade aos personagens: “- *um menino, duas meninas, um leitão, uma boneca, uma velha branca e uma velha preta...*”, (LOBATO, 1982, pg. 58). O autor apenas utiliza “Branca” e “Preta” com a intenção de determinar as diferentes características das senhoras, (Dona Benta e Tia Nastácia). Observamos que não somente Tia Nastácia é chamada de negra, mas também Dona Benta é sempre identificada pelo termo “a velha”. O autor vai utilizando estereótipos para dar qualidade aos personagens.

Outro destaque encontrado na representação de Tia Nastácia, está destacado no fragmento desenvolvido pelo personagem representado pelo “onço”:

- Estão vendo? – Disse o onço, passando a língua pela beijaia. - O nosso banquete vai começar pela sobremesa. O furrundu está dizendo que não agüenta mais e vai descer... (LOBATO, 1933, pg. 60).

Esta cena se refere a Tia Nastácia que agarrada ao mastro da bandeira do Sítio, corre o risco de cair por não agüentar tanto tempo em cima do mastro para fugir da onça. Isto é, do onço, segundo Lobato, o animal está a fim de comê-la e, portanto, devido a cor da personagem, compara-a a uma deliciosa sobremesa chamada de “furrundu”, (doce de cidra ralada, gengibre e açúcar mascavo)⁴, quer dizer, Tia Nastácia foi comparada a um doce.

Em outra passagem, depois de resolvido todo o problema sobre o ataque das onças no Sítio, onde por obra da boneca Emília, todos os personagens conseguiram se salvar, Emília pede a cada personagem um presente como forma de agradecimento pelas vidas salvas por ela e quando chega a vez de Tia Nastácia a boneca fala: “ – *E você, pretura?*” (LOBATO, 1933, pg. 60). Percebemos aí uma expressão bem cômica originada pela boneca Emília, e que ao mesmo tempo ao expressar de forma irônica, é identificado um comportamento racista da boneca Emília, que não fica despercebido.

Comumente encontramos em algumas narrativas, colocações de termos ou de vocábulos que denunciam o comportamento racista. Expressões que relacionadas a situações indesejáveis tencionam classificar uma qualidade através do uso das palavras “negra”, “negroides” e, outras dessa natureza.

Aproveitamos aqui para também exemplificar com as frases do próprio Lobato, que ao se utilizar do estilo, construiu algumas expressões que fizeram parte da narrativa de algumas cartas enviadas a Rangel (livro, *A Barca de Gleyre*). Vejamos a expressão encontrada na carta do mês de setembro de 1904, “*estar assustando a minha negra ingratidão: quase um mês sem carta!*” (Lobato, 2010, pg. 68); outro caso é encontrado na carta de julho de 1905, “*a explicação é que Ragueneau anda bilioso, cheio de pensamentos negroides...*” (Ibid, pg. 91).

O autor relaciona os estereótipos “negros” e “negroides” a situações ruins, como se a negritude estivesse classificando a qualidade de coisas imprestáveis. Para refletir sobre a

⁴ Site pesquisado em 12 de março de 2011.

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=furrundu>

utilização do estereótipo pelo autor, podemos lembrar que a época de nascimento deste foi justamente o momento em que o sistema escravocrata ainda estava em vigor. Sabemos que embora alguns estudiosos tivessem o interesse em promover o fim da escravidão, a situação do negro escravizado naquele momento se encontrava sem perspectiva como sujeito participante da vida social.

Nesse caso, observando a época do nascimento desse autor, ano de 1882, imaginamos que o mesmo esteve todo o seu desenvolvimento psicológico e educacional em contato com esse clima de racismo e de servidão. Os pensamentos e as influências das teorias racistas originadas na Europa e dos Estados Unidos também estavam em vigor. Lobato desenvolveu todo o seu conhecimento dentro de uma variada literatura influenciada por tais teorias. Isso implica dizer que o autor esteve todo tempo exposto ao clima de preconceito e de discriminação racial.

Podemos perceber esse detalhe inclusive no fragmento:

Sim, era o único jeito – e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros. (LOBATO, 1933. Pg.58)

Ao refletirmos sobre a citação acima, percebemos a presença da forte influência das idéias do estudioso Gustave Le Bon, que associava determinada etnia com características de alguns animais: Tia Nastácia comparada a uma macaca. Naqueles estudos Monteiro Lobato aprofundou-se indo ao encontro do conhecimento da filosofia, e da psicologia, para retornar com questionamentos sobre o surgimento da crença e principalmente, sobre a eugenia, já que na época esses questionamentos e discussões eram o tema central entre os intelectuais e estudiosos do racismo científico. Segundo palavras de Pietra Diwan, era idéia de Monteiro Lobato que:

Para uma eugeniação efetiva do povo brasileiro não se deve extirpar da sociedade somente aqueles maus elementos, portadores de “doenças sociais”, como o alcoólatra, o sífilítico, o tuberculoso, o vadio, a prostituta, e as deformidades congênitas da classe pobre, negra e mestiçada, mas curar os “desvios de caráter” que habitavam também as classes abastadas que impediam o bom desenvolvimento de políticas públicas objetivas que contribuíssem para o progresso do Brasil.(DIWAN, 2007. Pg. 112)

O autor como homem polêmico, devido à variedade de estilos literários que teve contato, se tornou grande defensor do método da eugenia pela busca da perfeição. Monteiro Lobato defendia que a eugenia e a eficiência seriam importantes “para solucionar os males da humanidade”. Como o autor desejava o desenvolvimento e a riqueza da nação, este imaginava que com a perfeição da prática do trabalho, juntamente com um exército de trabalhadores aptos e saudáveis poderia se conseguir o desenvolvimento e o progresso desejado para enriquecer a nação brasileira.

Nesse caso Monteiro Lobato se aproximou das idéias de Renato Kehl que defendia que o povo brasileiro só chegaria a um progresso colocando em prática as lições de eugenia. Contudo, contrariando o próprio pensamento adquirido a partir das influências eugênicas o autor desenvolveu algumas produções para adultos: em “*Negrinha*”, (1923), por exemplo, onde faz uma representação do negro de forma mais realista, destacando além do comportamento servil, os maus tratos expostos aos escravizados na época.

A idéia que nos passa é que era intenção do autor mostrar a necessidade de uma transformação social, em cuja sociedade houvesse espaço para uma vida mais digna e mais estruturada que o próprio negro também fizesse parte.

À medida que o pensamento racista sobre eugenia foi adquirindo novos contornos, que de certa forma se aproximava da ideologia nazista, a idéia de uma democracia racial foi aos poucos substituindo esse racismo científico e, o Brasil, com seu campo fértil devido a variedade étnica, deu vez a falsa harmonia de democracia racial que também é percebida na escrita dos contos infantis do autor.

Nos contos infantis que fazem parte do “*Sítio do Pica-Pau Amarelo*”, a representação do negro aparece de forma mais amenizada, como se o autor quisesse apenas chamar a atenção do pequeno leitor para a importância da presença da diversidade étnica. Diante disso,

podemos considerar Lobato como um dos pioneiros a informar a criança sobre os problemas sociais e étnicos que o país enfrentava.

Utilizando o conceito de Roger Chartier:

por um lado a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. (CHARTIER, 1990, pg. 20).

A representação trabalha entre a ausência e a apresentação. A representação enquanto ausência procura observar algo que não está presente e procura aproximar do que foi apresentado. Por outro lado a representação também é uma exibição de algo que vai caracterizar e identificar o outro que já foi apresentado.

Dessa forma, ao estudar as obras de Monteiro Lobato percebemos em suas produções uma imagem aproximada do negro dentro do contexto da época em que o autor escreveu suas obras, onde os negros viviam afastados da história, contudo, Lobato, na época, já fazia referências a etnia e a diversidade cultural em suas produções.

Percebemos também entre a narrativa do livro, “Caçadas de Pedrinho”, que o autor utiliza-se de uma metáfora para representar a situação política brasileira da época.

Esse fato causou o maior rebuliço no Brasil inteiro. Os jornais não tratavam de outra coisa. Até uma revolução, que estava marcada para aquela semana, foi adiada, porque os conspiradores acharam mais interessante acompanhar o caso do rinoceronte do que dar tiros nos adversários. (LOBATO. 1933, pg. 61)

Com esse fragmento da narrativa, a impressão que nos passa é a de que o Sítio do Pica-pau Amarelo seria o Brasil com o poder todo centralizado e os personagens seria o povo brasileiro reivindicando o direito de também opinar de forma direta sobre o sumiço do Rinoceronte. O autor, ao empregar o uso da metáfora, se apropria de um estilo irônico que termina por gerar um certo humorismo. A notícia do “Rinoceronte internado nas matas brasileiras”, fez com que até a revolução fosse adiada.

O autor induz o leitor a pensar para que seja percebida a denúncia nas entrelinhas do texto. Humoristicamente, Lobato instiga ao leitor a observação, no sentido lúdico.

Um processo de denúncia é identificado na linguagem escrita do autor que faz uma crítica sobre a elaboração de obras sem necessidades. Obra essa de alto custo e de longa duração, ao nosso entender, provavelmente super faturadas.

O autor através da sua produção literária infantil oferece a criança e ao jovem o poder da crítica, incentivando o desenvolvimento de uma leitura informativa e que permite esse leitor ficar atualizado sobre as questões políticas e sociais. Quanto à representação do negro e o preconceito, embora Lobato se expresse na sua escrita com muita frequência citando a negritude de Tia Nastácia, o autor apenas chama a atenção para a presença da diversidade étnica que faz parte do nosso povo.

Eis aí uma história política relatada nas entrelinhas de uma narrativa para crianças, construída através de uma simbiose da fantasia com a realidade brasileira. Aparentemente, percebemos que esse autor faz uma crítica a sociedade brasileira da época, onde o homem público levanta a bandeira do engajamento da divulgação de uma realidade que incomodava pelas causas das injustiças sociais.

No final do conto, “Caçadas de Pedrinho” encontramos uma passagem interessante,

Dona Benta deu um suspiro de alívio e voltou ao terreiro. Queria continuar o seu passeio no carrinho. Mas não pode. Tia Nastácia já estava escarrapachada dentro dele. – Tenha paciência – dizia a boa criatura. – Agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá... (LOBATO, 1982. Pg. 78)

Observamos que Lobato procura demonstrar aí um comportamento de carinho para a personagem de Tia Nastácia. Na própria narrativa identificamos o trecho “dizia a boa criatura” como se fossem palavras vindas do próprio autor.

Quando a personagem Tia Nastácia responde que “Negro também é gente” percebemos aí a presença do estereótipo onde a própria personagem procura se defender mostrando que é negra e igual a qualquer pessoa, portanto também possuidora de direitos.

Mais uma vez identificamos na obra a oportunidade de, através da prática da leitura em sala de aula ou no papel de contador de histórias para crianças, se fazer uso da expressão para trabalhar a forma de valorizar a importância do ser humano, independente da distinção da etnia. A forma de abordagem pode dar destaque, por exemplo, à construção histórica do que viria a ser um princípio fundamental em nossa constituição: todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza (art. 5º, CF). Isso demonstra que se trata de uma literatura rica, original que valorizava os acontecimentos que faziam parte da realidade brasileira.

3. - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a nossa pesquisa pudemos observar que o leitor é fundamental para valorizar determinada produção, pois é a partir da sua crítica e da prática do hábito da leitura que poderão favorecer a divulgação de determinadas obras literárias. Nesse caso, ao adentrar tal universo, percebemos que a história do livro enfrentou barreiras, como o comércio, a censura e o preconceito.

Imaginemos então as produções que falavam dos negros e que, por muito tempo, foram vítimas de preconceitos, quando não eram mantidas nas prateleiras das bibliotecas, guardadas ou esquecidas eram até mesmo recusadas, por terem-nas sido consideradas insignificantes e, impedidas de serem divulgadas como literatura.

Monteiro Lobato em sua obra “*Caçada de Pedrinho*”, decerto também provocou algum estranhamento, diante do olhar preconceituoso de vários leitores. Numa época em que poucos autores se ocupavam com a diversidade étnica, este, mesmo se utilizando de estereótipos, se preocupou em incluir na sua escrita o personagem negro. Contudo, Lobato poderia não ter dado o devido valor a questão racista, bastava ter praticado um silenciamento sobre o assunto.

Entretanto, cabe ao leitor absorver a prática da leitura se apropriando da construção de significados, para então a partir da interpretação particular da narrativa procurar desenvolver o poder da crítica, construindo um novo discurso, que não seja tão distanciado da intenção do autor.

Nesse caso, diante da liberdade de interpretação a que o leitor tem direito, observamos que existe um limite para essa liberdade, pois existem limitações das próprias práticas da leitura já que o tempo e o lugar vão modificando o objetivo da leitura. Portanto, não basta fazer uma análise de partes das obras do autor. Com certeza elas não dirão muita coisa.

Monteiro Lobato deixou uma grande contribuição para a literatura brasileira, pois possibilitou uma nova perspectiva para o mundo literário infantil. Embora seja apontado por críticos como um escritor preconceituoso, em suas criações percebemos a prática de uma

linguagem provocativa que chamava a atenção do leitor para além de outros detalhes, a existência da diversidade racial e cultural brasileira.

Afastou a narrativa das histórias infantis daquela tradicional, voltada para a fantasia de sonhos de príncipes e princesas loiras de olhos azuis e aproximou a literatura para crianças a uma nova fantasia bem mais próxima da realidade, pois o contexto social da época em que foram produzidas tais obras são percebidos em meio a narrativa.

Na realidade, devemos não só observar a obra “*Caçada de Pedrinho*” com um novo olhar, mas procurar compreender como o autor construiu sua escrita e sob quais influências e até mesmo o pretexto que o autor se apropriou para escrevê-las.

Sobre as idéias da prática da eugenia percebemos que essa ideologia depositou forte influência na escrita do autor. É importante lembrar que a mesma passou por diversas fases, permitindo que esse autor defendesse a sua prática diante do interesse em desejar um progresso para o Brasil.

Entretanto, a medida que o próprio pensamento ideológico ia evoluindo, Lobato depositava o reflexo dessas influências em suas obras. Podemos perceber isso através do tratamento dado pela boneca Emília a personagem de Tia Nastácia.

O jeito irônico da boneca Emília tratar Tia Nastácia no conto de Monteiro Lobato, pode ter sido realmente o reflexo das influências, no sentido etmológico da palavra; ter contagiado o próprio autor. Pois sabemos que o mesmo não só fez parte desse contexto social imposto a sociedade, impregnada de doutrinas racistas, como o determinismo evolucionista e o darwinismo social, mas também defendeu tais teorias imaginando uma melhor solução para o progresso da sociedade brasileira.

Dizer que o autor é preconceituoso ou não, não é o nosso objetivo, mas, sim mostrar que não podemos julgar o comportamento de um autor apenas por suas produções.

Assim como a história, suas obras também seguiram uma determinada evolução, pois, observando a situação pelo qual o país passou percebemos que Lobato ao abordar a presença do negro em suas obras, demonstrou que se preocupou em citá-lo para chamar a atenção do público leitor com a intenção de promover uma melhor condição social da população brasileira, que possuidora de uma maioria negra, sempre esteve associada à pobreza.

Lobato, embora fazendo parte de uma elite sempre esteve preocupado com os problemas do povo. Talvez ele não quisesse fazer uma representação fiel do negro em suas obras, mas apenas despertar o próprio povo negro para trabalhar em busca de melhores condições de vida na sociedade e quem sabe, talvez, promover o surgimento de uma militância organizada para lutar pelos próprios direitos de uma vida digna na sociedade.

Sabemos do reconhecido destaque no campo literário visto que o mesmo teve a preocupação em produzir também para a criança e o público infanto-juvenil. Procurou mostrar todo realismo possível em suas obras, e utilizando-se de metáforas aplicou com veracidade a representação de uma determinada época, início do século XX, que ficou bem refletida as referências ao excesso burocrático que o Estado possuía; o incentivo ao progresso e a crítica ao sub-desenvolvimento do país.

De forma marcante dentro da literatura infantil Lobato consegue até hoje prender a atenção do jovem leitor, com uma produção que além de marcar o desenvolvimento do mercado nacional de livros infantis apresenta também um destaque sobre a presença cultural e étnica dentro da realidade brasileira.

A narrativa lobatiana foi criada dentro de um projeto artístico onde são percebidos os anseios pedagógicos, filosóficos e políticos do autor, pois através da escrita de forma meio irônica, a dúvida é provocada sobre alguns assuntos que relacionavam determinados acontecimentos.

4. – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo; Editora Perspectiva, 1983.

BEZERRA, Rosilda Alves; NEGREIRO, Carlos Alberto de; NOGUEIRA, Juarez. Orgs. *Literatura e outras linguagens*. Natal: Livro Rápido, 2007.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed, 2005.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato – vida e obra*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro; Forence Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador / tradução Reginaldo de Moraes*. – São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, - (Primas).

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*; Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1990. (Memória e Sociedade).

CHARTIER, Roger. *1945 - Inscrever & apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII / tradução Luzmara Curcino Ferreira*. – São Paulo; Editora UNESP, 2007.

DECCA, Edgar Salvadori de. Os intelectuais e a memória do Holocausto. In: LOPES, Marcos Antônio. *Grandes Nomes da História intelectual*. São Paulo; editora Contexto, 2003.

DIWAN, Pietra. *RAÇA PURA uma história da eugenia no Brasil e no mundo*; São Paulo; editora Contêxto, 2007.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 8ª Ed. – São Paulo; editora da Universidade de São Paulo; Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) *Brasil afro-brasileiro*; Belo Horizonte; Autêntica, 2000.

FREYRE, Gilberto, 1900 – 1987. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. – 51ª Ed. rev. – São Paulo; Global, 2006.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *O Brasil republicano*, v.3: sociedade política (1930 – 1964) / por Ângela Maria de Castro Gomes... [et. al.]. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro; 11ª Ed. Rio de Janeiro; DP&A editora, 2006.

LOBATO, Monteiro. 1882 – 1948. *A barca de Gleyre* / Monteiro Lobato. – São Paulo; Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro. *História de Tia Nastácia*, São Paulo; Cia. Editora Nacional, 1937.

LOBATO, Monteiro. Biografia, *Caçadas de Pedrinho*, O Saci, São Paulo; Editora Brasiliense, 1982.

LOPES, Marcos Antônio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo; Contexto, 2003.

LOPES, Paulo da Moita Lopes. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP; Mercado de Letras, 2002.

MOSCATELI, Renato. *História Intelectual: A problemática da Interpretação de Textos*. In: LOPES, Marcos Antônio. *Grandes Nomes da História intelectual*. São Paulo; editora Contexto, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e sentidos*. Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2009. – (Coleção Negra e Identidades).

RAMOS, Arthur, 1903 – 1949. *A mestiçagem no Brasil*. tradução e revisão de notas por Waldir Freitas Oliveira. Maceió; EDUFAL, 2004.

SHCWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, intuições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo; Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª Ed. – São Paulo; Companhia das Letras, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*; tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1976.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930 – 1964*. Apresentação de Francisco de Assis Barbosa; tradução coordenada por Ismênia Tunes Dantas. – 7ª Ed. – Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1982.

SITES PESQUISADOS

Dicionário Michaelis, versão online.

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=furrundu>. Site pesquisado em 12 de março de 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis, artigo: Literatura Afro-brasileira. Trabalho retirado do site http://www.acaocomunitaria.org.br/discussoes_tematicas/literatura_e_afro_descendencia.pdf.
Em 17/05/2010